

BOLETIM *de* ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS, ARTES, SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

RIO DE JANEIRO, DEZEMBRO DE 1938

ANNO VIII

N.º 3

ESCREVEM NESTE NUMERO:

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT — BEATRIX REYNAL
EDGARD CAVALHEIRO — GENOLINO AMADO
HUMBERTO BASTOS — JOAO DE CASTRO OSORIO
JORGE DE LIMA — MARIO BORGES DA FONSECA
MARIO SETTE — OSORIO DUTRA — OSORIO DE OLIVEIRA
RAYMUNDO MORAES — SERGIO SOARES
VALENTIM ALVES DA SILVA — VINICIO DA VEIGA

NESTE NUMERO:

Secção de

CINEMA

Correspondencia de
LISBOA

NESTE NUMERO:

"INICIAÇÃO"

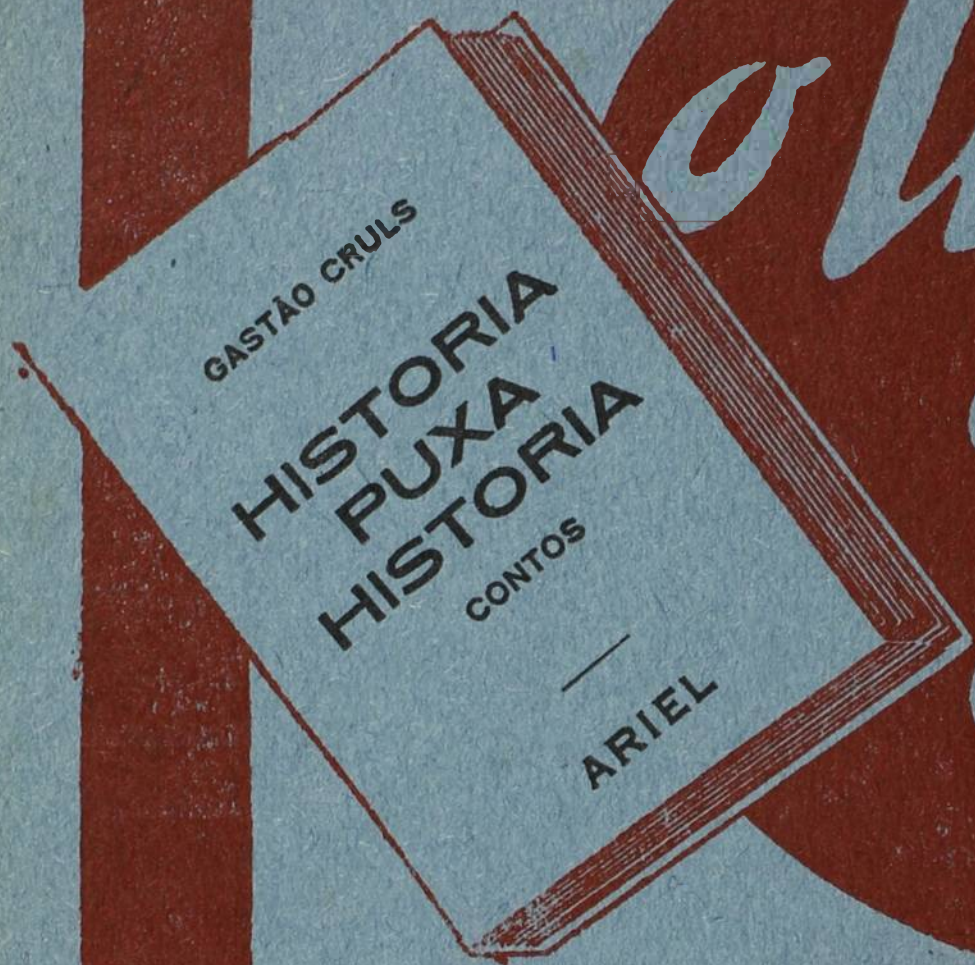
Conto Inedito de
CLOVIS RAMALHETE

"CHICO"

Conto de Natal de
ERICO VERISSIMO



PREÇO PARA TODO O BRASIL: 2\$000



*o livro
do
dia!*

ACABA DE APPARECER
O NOVO VOLUME DE CONTOS DE
Gastão Cruls:

Historia Puxa Historia

Summario:

CONTAS BRABAS — MÃE D'AGUA — ARREPENDI-
MENTO — MEU SOSIA — CARTA DE OUTRO NAIPE
A PATATIVA — CIRCUITO DA GAVEA — INICIAÇÃO
O ESPELHO — DO OUTRO LADO — FAUNA EXOTICA
FIM DE VIAGEM



BOLETIM DE ARIEL

EXPEDIENTE

DIRECTOR :

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE :

Agrippino Grieco

GERENTE :

João Teixeira Soares Netto

SECRETARIO :

Donatello Grieco

ASSIGNATURAS

Preços para todo o Brasil e paizes da Convenção Postal Pan Americana:

Simples	18\$000
Registrada	28\$000

EXTERIOR

Simples	22\$000
Registrada	24\$000

Numero avulso 2\$000

Numero atrasado 3\$000

As assignaturas são sempre annuaes e começam a partir de qualquer mez.

Os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu respectivo valor.

O BOLETIM DE ARIEL, em sua parte editorial só publica trabalhos ineditos, sendo assegurada a seus collaboradores plena liberdade de pensamento.

Quem quer que transcreva trabalhos apparecidos em suas paginas, na integra ou em excerptos, fará a gentileza de mencionar a procedencia.

Em relação aos livros nacionaes, o BOLETIM DE ARIEL só se occupará dos apparecidos no ultimo Dtrimestre, e, em relação aos estrangeiros, dos publicados nos ultimos 12 mezes.

O BOLETIM DE AIEL não se occupará duas vezes do mesmo livro, a não ser que se trate de obra de subido valor.

NÃO HA RESTITUIÇÃO DE ORIGINAES

SÃO CORRESPONDENTES DESTA REVISTA

Na França — Sra. Picard-Loewy — Paris

Em Portugal — Sr. Osorio de Oliveira — Lisboa

No Rio Grande do Sul — Sr. Paulo Arinos — P. Alegre

Em S. Paulo — Dr. Wladimir Malheiros — S. Paulo

Em Minas Geraes — Dr. Guilhermino Cesar — Bello Horizonte

Em Pernambuco — Dr. Aderbal Jurema — Recife

Na Bahia — Dr. Aydano Couto Ferraz — Bahia

Em Alagôas — Dr. Raul Lima — Maceió

Na Parahyba do Norte — Dr. Adhemar Vidal — João Pessoa

No Ceará — Sr. Affonso Banhos — Fortaleza

No Pará — Dr. Gastão Vieira — Belém

No Amazonas — Dr. Araujo Lima — Manáos.

Direcção, Redacção e Publicidade :

ARIEL, EDITORA LIMITADA

Rua Senador Dantas, 40-5.º

Tel. 22-1406

End. Tel. "Ariel"

RIO DE JANEIRO — BRASIL

VANTAGENS

CONCEDIDAS AOS ASSIGNANTES DO
" BOLETIM DE ARIEL "

CONSULTAS:

O BOLETIM DE ARIEL, attende a qualquer consulta de seus leitores que se prenda ás letras, artes e sciencias. Prestará todas as informações que lhe forem solicitadas sobre a existencia e preço, no mercado do Rio de Janeiro, de livros communs, raros, nacionaes ou estrangeiros.

DESCONTOS:

Os assignantes desta revista gosam de um desconto de 20% sobre os preços dos livros editados por «Ariel, Editora Ltda.», quando os mesmos forem adquiridos directamente na nossa séde, e de 10% quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo Correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte. Sob o titulo «EDICÕES ARIEL», na nossa secção de annuncios, ha uma lista completa das obras que podem ser offerecidas com aquelles descontos.

ENCOMMENDAS DE LIVROS

Encarregamo-nos da compra de qualquer outro livro que não conste das nossas listas. Essas encomendas de livros alheios não gosarão de desconto, sendo executadas ao preço de venda do mercado. As despesas do porte correm por conta do freguez.

«BOLETIM DE ARIEL» ENCADERNADO

Tanto na nossa redacção como nas principaes livrarias desta cidade se encontram volumes bellamente encadernados, reunindo as collecções do primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto annos do BOLETIM DE ARIEM, á venda pelo preço de Rs. 40\$000 cada volume. As encomendas do interior serão attendidas sem augmento de porte.

COUPON DE ASSIGNATURA

Junto envio a quantia de Rs.
para que seja remettida uma assignatura annual de
Boletim de Ariel, ao seguinte endereço e a partir do
mez de

NOME

RUA

CIDADE

ESTADO

Córtete coupon e envie a ARIEL,
— Rua Senador Dantas, 40-5.º — Rio de Janeiro.

N. B. -- A importancia deve ser remettida em carta
com valor declarado, vale postal ou cheque bancario.

EDIÇÕES "ARIEL"

IMPORTANTE: Os assignantes do BOLETIM DE ARIEL, gosarão de um desconto de 20 % sobre o preço destes livros quando os mesmos forem adquiridos directamente no nosso escriptorio, e de 10 % quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte.

ENSAIOS

A. da Silva Mello — Problemas do Ensino Medico e de Educação	10\$000
Edson Lins — Historia e Critica da Poesia Brasileira ..	10\$000
Stendhal — Do Amor (Trad. de Marques Rebello e Corrêa de Sá)	15\$000
Estudos Afro-Brasileiros	12\$000
F. Contreiras Rodrigues — Traços da Economia Social e Politica do Brasil Colonial	12\$000
Paulo Prado — Paulistica — Historia de São Paulo 2. ^a edição augmentada	6\$000
Agrippino Grieco — Estrangeiros	8\$000
" " — S. Francisco de Assis e a Poesia Christã	8\$000
" " — Evolução da Prosa Brasileira	10\$000
Gilberto Amado — Espirito do nosso Tempo — 2. ^a ed.	5\$000
" " — Dias e horas de vibração	5\$000
" " — A Dansa Sobre o Abysmo	7\$000
Miguel Ozorio de Almeida — A Vulgarização do Saber	7\$000
V. de Miranda Reis — Ensaio de Synthese Sociologica — 2. ^a edição augmentada	8\$000
Renato Kehl — Como Escolher um bom Marido — 2. ^a edição	4\$000
Octavio de Faria — Destino do Socialismo	10\$000
Luc Durtain — Imagens do Brasil e do Pampa — (Trad. de Ronald de Carvalho) 2. ^a edição	6\$000

ROMANCES E NOVELLAS

Gastão Cruls — Vertigem — 2. ^a edição	6\$000
Gastão Cruls — A Amazonia Mysterosa — 4. ^a edição	6\$000
Iago Joé — Bagunça	6\$000
Cornelio Penna — Fronteira	6\$000
Graciliano Ramos — S. Bernardo	6\$000
Lucia Miguel Pereira — Em Surdina	7\$000
Miguel Ozorio de Almeida — Almas Sem Abrigo ..	7\$000
Flavio de Carvalho — Os Ossos do Mundo	7\$000
Victor Axel — Germana	5\$000

ROMANCES DE AVENTURA

Georges Simenon — O mysterio de um morto	5\$000
" " — O cão amarello	5\$000
" " — Um crime na Hollanda	5\$000

CONTOS

Gastão Cruls — Historia puxa Historia	8\$000
Rodrigo M. F. de Andrade — Velorios	6\$000
Roquette Pinto — Samambaia	6\$000
Marques Rebello — Tres Caminhos	5\$000
Gastão Cruls — Coivara	7\$000

TRADUCÇÕES DE GASTÃO CRULS

René-Albert Guzman — Ciume — 5. ^a edição	6\$000
J. Kessel — Luxuria — 4. ^o Milheiro	6\$000
G. S. Matthews — A Caminho da Forca	6\$000

POESIA

D. Milano — Antologia de Poetas Modernos	6\$000
Maria Eugenia Celso — Fantasias e Matutadas	6\$000
Murilo Mendes — Historia do Brasil — Philosophia humoristica	5\$000

COLLECÇÃO "CRIMES CELEBRES"

Evaristo de Moraes — O Caso Pontes Visgueiro	6\$000
Vida e Morte de Maria Lafarge, a envenenadora	5\$000

JURISPRUDENCIA

José Julio Soares — Sociedades Cooperativas -- 4. ^a edição — br.	15\$000
Trajano de Miranda Valverde — Sociedades Anonimas 1. ^o vol. — br.	50\$000
Trajano de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 1. ^a Parte, Vol. I — br.	30\$000
Trajano de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 1. ^a Parte, Vol. II — br.	25\$000
Trajano de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 2. ^a , 3. ^a e 4. ^a Parte, Vol. III br.	30\$000

PEDAGOGIA

Baptista de Castro — Vocabulario Tupy-Guarany	7\$000
Celsina de Faria Rocha e Bueno de Andrade — Tests	10\$000

LITTERATURA INFANTIL

Paulo Guanabara — A Origem do Mundo — (1. ^o vol. da collecção: "Historias do Tio João")	8\$000
---	--------

PEDIATRIA

Dr. Suikire Carneiro — Roteiro das Mães (Alimentação da Creança) — 1. ^o vol.	6\$000
---	--------

CHIROMANCIA

Arhus Sab. — A mão e Seus Segredos — 3. ^a edição augmentada	10\$000
---	---------

NARRAÇÕES

Ranulpho Prata — Lampeão	6\$000
-----------------------------------	--------

CULINARIA

Maria de Lourdes — Arte de cosinhar (Petiscos e Petisqueiras) — 1.350 receitas — 2. ^a edição — vol. cart.	14\$000
--	---------

ECONOMIA E FINANÇAS

Kurt V. Eichborn — Ouro ou Dinheiro? e O Enigma do Dinheiro	3\$000
Alfredo Manes — Observações Economicas e Juridicas Sobre o Seguro	10\$000

COLLECTANEA

Boletim de Ariel — Anno I — Out. 1931-Set. 1932 — 1 vol., encad.	45\$000
Boletim de Ariel — Anno II — Out. 1932-Set. 1933 1 vol., encad.	45\$000
Boletim de Ariel — Anno III Out. 1933 — Set. 1934 1 vol., encad.	45\$000
Boletim de Ariel — Anno IV — Out. 1934-Set. 1935 1 vol., encad.	45\$000
Boletim de Ariel — Anno V Out. 1935-Set. 1936 — 1 vol., encad.	45\$000



BOLETIM^{de} ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

UM DESMORONAMENTO NO POÇO 3

Já perto de meia noite quando o trem chegou a Aberlaw. Vinha com trinta minutos de atrazo. Em todo o percurso do valle a locomotiva luctou contra um terrivel vendaval. Quando desceu á plataforma, Andrew quasi era arrastado pela violencia do furacão.

A pequenina «gare» estava deserta. As arvores plantadas em fila, á entrada da estação, encurvavam-se como arcos, tremendo e assobiando ao sopro da ventania. E lá em cima as estrellas brilhavam com fulgor mais distante.

Andrew seguiu ao longo de Station Road. As rajadas, que o levavam a encolher o corpo, como que lhe excitavam o espirito. Cheio do seu triumpho, do seu contacto com os figurões das altas rodas medicas, com as palavras de «sir» ainda lhe cantando no ouvido, queria chegar a toda pressa junto de Christine, para lhe dizer alegremente todo aquelle mundo de cousas que tinha acontecido. O telegramma já lhe dera a boa noticia; mas agora elle queria explicar nos minimos detalhes toda a aventura emocionante.

Quando, de cabeça baixa, desembocou em Talgarth Street, teve de repente a impressão de que um homem vinha correndo atraz d'elle. O homem pisava forte, mas o ruido dos seus passos na calçada, perdendo-se no fragor do vendaval, suggeria a idéa de um fantasma. Andrew estacou instinctivamente. E, quando o homem se approximou, viu que era Frank Davis, do serviço de soccorro do Poço n.º 3 da mina de anthracite. Davis tinha sido um dos seus alumnos no curso de prompto soccorro que dera na primavera anterior. Davis tambem reconheceu logo o medico.

— Estava á sua espera, doutor. Ia agora á sua casa. O vento derrubou os postes telephonicos. — Uma rajada mais forte abafou suas ultimas palavras.

— Que aconteceu? — gritou Andrew.

— Houve um desmoronamento no Poço 3. — Chegou-se mais para junto de Manson, pondo as duas mãos em volta da bocca para ser ouvido melhor. Um operario está sepultado lá em baixo. Parece que é impossivel tiral-o. E' o Sam Bevan. Está na sua

lista. E' melhor o doutor dar um pulo depressa até lá, para soccorrer o homem.

Andrew deu alguns passos em companhia de Davis, mas de repente lhe veio uma idéa.

— Preciso da minha «valise» — berrou para o outro. — Corra á minha casa e vá buscal-a. Vou directamente ao numero 3. Olhe, Frank, diga á minha patrão onde eu fui.

Precipitando-se pela margem da linha ferrea e atravessando depois Roath Law, quasi que arrastado pela ventania, em menos de cinco minutos Andrew chegou ao Poço 3. No posto de soccorro encontrou á sua espera, tres trabalhadores e o sub-gerente, cuja physionomia se desanuviou um pouco ao vel-o.

— Boa noite, doutor. Estamos todos ás voltas com a tempestade. E ainda por cima tivemos um desmoronamento. Ninguem morreu, graças a Deus, mas um dos rapazes ficou preso pelo braço. Não podemos levantá-lo nem uma pollegada. E o tecto da mina ameaça desabar.

Dirigiram-se para a torre balouçante do poço. Dois dos trabalhadores corregavam uma padiola com varias talas espalhadas por cima. O outro levava uma caixa com material de prompto soccorro. Quando entraram no elevador de madeira um vulto veio correndo do pateo. Era Davis, offegante, com a «valise».

— Você andou ligeiro, Frank — disse Manson quando Davis se agachou a seu lado, no elevador.

Davis apenas balançou a cabeça. Não podia falar. Houve um rangido de cordas, um instante de ansiedade e a gaiola foi descendo, até bater no fundo da jazida. Sahiram todos, um a um; o sub-gerente em primeiro lugar, depois Andrew, Davis ainda segurando a «valise» e por fim os tres operarios.

Andrew já havia andado em subterraneos de mina. Estava acostumado com as galerias altas das jazidas de Blaenelly, grandes cavernas escuras e ressonantes, cavadas bem no fundo da terra, onde o minerio era arrancado do seu leito. Mas aquelle poço n.º 3 era uma mina velha com um longo e tortuoso caminho que ia dar aos trabalhos de mineração. O caminho era menos um corredor do que uma fuma

apertada e baixa, tosca e gottejante, atravez da qual tinham de engatinhar muitas vezes, mesmo rastejar numa distancia de quasi meia milha. De repente a lanterna que trouxera o sub-gerente parou logo adiante de Andrew e este comprehendeu que haviam chegado.

Manson avançou um pouco, rastejando devagarinho. Tres homens, engatados, cada um puxando pela cintura o que estava na frente, faziam tudo que era possivel para arrancar do fundo de um buraco um operario que jazia numa attitudo confusa, o corpo torcido para um lado, um hombro virado para traz, aparentemente perdido na massa das rochas desmoronadas em torno delle. Ao lado dos homens, viam-se instrumentos espalhados, duas latas de merenda amassadas, jaquetas abandonadas.

— Como é, rapazes? — perguntou o sub-gerente em voz baixa.

— Não ha geito de arrancar-o d'ahi — o homem que respondeu voltou a cara suarenta e suja. Já experimentamos tudo.

— Pois não experimentem mais — disse o sub-gerente, lançando um olhar ancioso para o tecto da mina. — Aqui está o doutor. Afastem-se um pouco, rapazes, e deixem um espaço livre. Se eu fosse vocês, iria bem para traz.

Os tres homens afastaram-se do buraco e Andrew, a que abriam caminho, avançou para lá. Nesse rapido instante, relampejou em sua cabeça a lembrança do seu concurso recente, do progresso da bio-quimica, da terminologia pomposa, das phrases scientificas. O concurso não havia previsto uma contingencia como aquella.

Sam Bevam não perdera os sentidos. Mas as suas feições estavam muito pallidas debaixo da poeira do desmoronamento. Esboçou fraco sorriso para Manson.

— Está parecendo que o doutor vae ensinar agora mesmo um pouco de serviço de prompto-socorro, á minha custa. — Bevam tinha sido alumno do curso de socorro de emergencia e mais de uma vez fôra requisitado para ajudar em serviço de curativos.

Andrew chegou ao ponto do desastre. A' luz da lanterna do sub-gerente, projectada por cima do seu hombro, correu as mãos pelo corpo do ferido. Todo o corpo de Bevam estava livre, menos o ante-braço esquerdo, preso nos escombros, tão comprimido

e esmagado sob o enorme peso da rocha que immobilizava o homem. Estava alli como um prisioneiro.

Andrew verificou immediatamente que o unico meio de libertar Bevam era amputar-lhe o ante-braço. E o pobre Sam, que o observava com olhos afflictos e dolorosos, leu essa decisão no momento em que ella era tomada.

— Faça o que tem a fazer, doutor — murmurou — mas tire-me d'aqui depressa.

— Não se preocupe, Sam — disse Andrew. — Eu vou fazer você dormir agora. Quando acordar, já estará na cama.

Agachando no lado, sob um tecto de dois pés apenas de altura, elle tirou o paletot, dobrou-o por baixo da cabeça de Bevam. Arregaçou as mangas da camisa e pediu a «valise». O sub-gerente entregou-a e cochichou ao ouvido de Andrew:

— Por amor de Deus, doutor, ande depressa. Esse tecto vae desabar em cima de nós, de um momento para outro.

Andrew abriu a maleta. Sentiu immediatamente um cheiro forte de chloroformio. Antes mesmo de mergulhar a mão no bojo escuro da «valise» e tocar num caco de vidro, já adivinhara o que tinha occorrido. Na pressa de chegar á mina, Frank Davis deixara cair a maleta. Quebrara-se o frasco e o chloroformio fôra entornado, de modo irreparavel. Passou um arrepio pelo corpo de Andrew. Não havia tempo para mandar alguém á superficie. E não tinha anestesico!

Durante trinta segundos talvez, ficou paralyzado. E então, automaticamente, procurou com os dedos a seringa de injeção, encheu-a e applicou em Bevan uma dose maxima de morphina. Não podia ficar esperando que o analgesico produzisse todo o efeito. Collocou a «valise» inclinada de modo a ter os instrumentos ao alcance da mão, e disse, enquanto apertava o torniquete:

— Fêche os olhos, Sam!

A luz era mortíça e as sombras moviam-se numa confusão bruxoleante. A' primeira incisão, Bevan gemeu entre os dentes cerrados. E gemeu outra vez. E então, quando o bisturi arranhou o osso, teve a sorte de desmaiar.

Um suor frio orvalhava a fronte de Andrew quando pinçou a arteria na carne mutilada, de onde jorrava o sangue. Não podia ver o que estava fazendo. Sentia-se suffocado alli, naquelle buraco de rato, muito abaixo da superficie do solo, enterrado na lama. Não havia anestesico, nem saia de operação, nem uma fila de enfermeiras para correrem ao seu chamado. Não era cirurgião. Estava apenas fazendo o que podia. E não chegaria jamais a um resultado satisfatorio. O tecto da mina ia desabar em cima de todos. Atraz delle, a respiração accelerada do sub-gerente. De cima, um filete de agua muito fria a bater-lhe no pescoço. Ardiam os dedos manchados de sangue, que trabalhavam febrilmente. O ranger da serra. A voz de Sir Robert Abbey, de muito longe: «A oportunidade para a pratica scientifica...» Oh! Deus do céu! Nunca havia de chegar a um resultado feliz!

Emfim! O allivio foi tão grande que elle quasi

Em edição ARIEL:

PAULO GUANABARA

A ORIGEM DO MUNDO

Um livro que põe a historia e a vida do mundo ao alcance da creança

soluçou. Poz um tampão de gaze sobre o tóco ensanguentado. Com as pernas tremendo, disse:

— Podem retirar o homem.

Cincoenta jardas para traz, numa abertura maior do subterrâneo da mina, com espaço para ficar em pé e quatro lampadas em torno delle, ultimou o trabalho. Alli era mais facil. Limpou, ligou, ensopou a ferida com antiseptico. Um tubo agora. Depois, as suturas. Bevam continuava sem sentidos. Mas, embora fraco, o pulso era rythmado. Andrew passou a mão pela testa. Prompto.

— Levem com cuidado a padiola. Cubram o homem com esses cobertores. Precisarão de sacco de agua quente assim que sairmos d'aqui.

Curvando a cabeça nos logares mais baixos, a lenta procissão começou a vencer as sombras da furna. Os homens não tinham dado uns sessenta passos quando echoou a escuridão atraz delles um estrondo surdo e abafado. Era como o ultimo rumor de um trem entrando num tunnel. O sub-gerente não olhou para traz. Disse apenas a Andrew, numa emoção contida:

— Ahi está. E' o resto do tecto que vae abaixo.

A caminhada de volta durou cerca de uma hora. Tinham de arrastar a padiola meio inclinada para um lado nos logares peores. Andrew já nem podia calcular ha quanto tempo estavam alli em baixo. Mas, afinal, chegaram todos á bocca da mina.

Subir, subir depressa, sahir daquellas profundezas — era o que todos queriam. A chicotada fina do vento bateu-lhes na cara, quando sahiram do elevador da mina. Numa especie de extase, Andrew deu um longo suspiro. Ficou ao pé da escadinha de sahida, encostado ao corrimão. Estava escuro ainda, mas tinham pendurado no pateo da mina uma grande candeia de kerozene que crepitava e tremia em labaredas incertas. Em redor da candeia, Andrew viu uma pequena multidão de figuras expectantes. Havia muitas mulheres, com chales na cabeça.

De repente, quando a padiola veio vindo devagarinho atraz delle, Andrew ouviu alguem gritar allucinadamente o seu nome. No instante seguinte, os braços de Christine lhe enlaçaram o pescoço. Abraçada ao marido, soluçava desesperadamente. De cabeça descoberta, apenas com um casaco sobre a camisola de dormir, os pés sem meia enfiados na chinellinha de casa, era uma figura quasi irreall naquella escuridão tempestuosa.

— Que aconteceu? — perguntou elle, espantado, tentando desatar os braços della para que pudesse ver o seu rosto.

— Disseram que o tecto da mina tinha desabado e que você... que você não voltaria.

A pelle estava azulada, os dentes rangiam. Andrew levou-a até o fogão da sala de socorro, envergonhado, mas profundamente commovido. Tomaram alli chocolate bem quente. Beberam os dois na mesma chicara fumegante. E passou-se muito tempo antes que um delles se lembrasse de falar sobre o novo e grande titulo scientifico que Andrew conquistara.

A. J. CRONIN

(Trecho do livro a aparecer A CIDAELLA (Romance de um Medico) Trad. de Genolino Amado — Livraria José Olympio Editora).

DO «CANTICO DO DESEJO»

*Sobre a terra sombria, o céu nocturno
Descobriu um jardim de chammas estellares
De inhumano infinito...*

*Morta a graça do mundo, regelada
A ternura da vida, a illusão
De viver e esperar abandonada...
Cae no meu coração,
Em lagrimas de estrellas, a visão
De um além de que estou longe e proscripto.*

*Nem lembrança de um bem neste frio de morte?
Nem o calor de um sonho?
Um soffrimento, ao menos, em que a dôr
Me separe dos céus, humano e forte?...
Esta voz de chiméra e de pavor,
Erguida no silencio como um grito...*

*Opprêso o coração de immensidade,
Em vão meu sonho humano a persistir,
Mesmo a soffrer e a arder na dôr, incito.
Na vertigem silente, erma e sombria,
Nem ao menos, n'um transe de agonia,
Meu sonho resuscito.*

*Nada... Nem dôr ou morte...
Nada... E em ti, ainda, encontraria
Uma ternura, Morte, uma alegria
Triste, feita de dôr e de saudade,
E ansia de Deus no coração constricto.*

*Como as folhas das arvores batidas
Pelo vento do inverno,
Tombam meus sonhos no regelo eterno...*

*E as illusões, os medos, os encontros
Desfazem-se-me em prantos
Junto de ti, amor, junto ao teu corpo,
Que a morte hade levar...
Que é um momento, apenas, de belleza...*

*Amor tornado, assim, refugio breve,
Mas divina certeza
Do coração afflicto.*

JOÃO DE CASTRO OSORIO.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PAULO DE AZEVEDO & Cia.

(Livreiros Editores e Importadores)

RIO DE JANEIRO

166 — Rua do Ouvidor — 166

End. Teleg. ALVESIA — Caixa Postal n. 658

FILIAES:

Rua Libero Badaró n. 49
São Paulo

Rua da Bahia n. 1502
Bello Horizonte

Depoimento sobre Jackson de Figueiredo

(TRECHOS DE UMA CONFERENCIA)

Dez annos já se passaram sobre a morte de Jackson de Figueiredo, publicista ardoroso, pensador, politico, doutrinador, critico, homem de partido, homem humano, agitador de idéas, chefe de fila, conductor e amigo.

Dez annos passados sobre o escuro dia em que o mar roubou deste mundo o corajoso e inconfundivel Jackson.

Dez annos e a morte de Jackson parece a nós que estivemos com elle, um marco entre duas épocas, entre duas épocas em que o Brasil do nosso tempo, em que o Brasil da minha geração está dividido. Duas épocas, dois tempos, dois momentos irreconheciveis, impossiveis de serem comprehendidos. Duas épocas, dois Brasis, duas almas. E no centro um signal para nós: a morte desse Jackson, desse homem tão differente dos outros, conhecido por poucos, desconhecido por muitos e tão mal julgado por tantos.

E' quasi impossivel imaginal-o como elle foi. E' quasi impossivel, hoje, que elle se transformou num nome, comprehender o segredo da sua influencia, a seducção da sua figura, o mysterio da sua força, dessa força que attrahia ou distanciava para sempre. Impossivel falar com exatidão de Jackson para os que o não conheceram, para os que não o sentiram um dia cheio de vida, na plenitude de seus enthusiasmos e das suas indignações. Impossivel quasi explicar como elle foi e porque a sua imagem não se apagou em nós depois de tanto tempo.

Dez annos de separação, dez numerosos intensos annos decorridos. Recordar, descrever as fórmulas que contiveram a sua alma, dizer da expressão de energia e doçura ao mesmo tempo do seu olhar, evocar a sua vida, fixando os traços mais nitidos da sua personalidade de homem, as direcções da sua natureza, relambrar a coragem das suas attitudes, a decisão e, tantas vezes o heroismo do seu espirito combativo; historiar e analysar as realizações do aspero trabalhador intellectual que elle foi; avivar nas memorias o esforço do homem que veio da desordem para a definição; do tumulto e do escuro para o equilibrio e a claridade; tudo isto, todo esse trabalho biographico, todo esse esforço de analyse e de estudo tão precioso e inestimaveis, sem duvida, não conseguiriam, porém, transmittir o segredo de Jackson, o segredo da sua influencia, de grande atracção ou do odio que elle inspirava, que elle soube e desejou provocar.

Dez annos passados! Ainda parece hontem e está tão distante. Ainda parece hontem e como tudo, no entanto, se transformou. Como tudo mudou! Como se concluíram tantas cousas, como se realizam tantas cousas, que os tempos não annunciavam siquer, mas que vieram e que fomos obrigados a acceitar e receber! Ainda parece hontem, e elle estava connosco e tinha sempre uma attitude qualquer e tinha sempre uma idéa certa ou errada, imprudente ou serena, sobre as cousas, sobre os acontecimentos, sobre os sentimentos em triumpho na hora, ou desdenhados e abandonados.

Dez annos passados sobre a morte de Jackson. Dez annos passados sobre a sua morte e sobre a nossa vida. Sobre a nossa vida e sobre a sua morte. Dez longos annos. Uma existencia quasi. Um longo tempo. Um tempo sufficiente para plhar esse morto que não é possivel dizer que é um morto, um longo tempo para examinar esse homem desaparecido e julgal-o, se tivermos forças para isso.

A primeira affirmação que podemos fazer de Jackson de Figueiredo, é que elle não conheceu a terrivel doença das almas, esse terrivel frio que é o clima desolador do Inferno. Elle era um ser caloroso. Quando no seu tempo de negar, soube negar com uma força e uma decisão apaixonada.

Quando poude affirmar alguma cousa, soube affirmar com fogo, de uma maneira total, a que não estavamos acostumados a assistir. Participou da vida brasileira, acceitando o lugar de luta que o destino lhe designara. Não foi maior porque teve de ser uma semente, um iniciador. Não foi maior porque a sua missão não era propriamente realizar, mas advertir os que estavam adormecidos, aquecer cousas geladas, ensinar com rudeza aos que só rudemente poderiam aprender.

Não foi, é possivel que se diga, um grande realizador no terreno da politica. Não foi talvez um grande escriptor, um magico da expressão, um estylista excepcional. Foi, porém, muito mais do que isso. Foi alguém que iniciou uma luta sozinho e incomprehendido, tendo de vencer, no seu combate, batalhas que travou contra si mesmo e contra o seu ambiente, o seu meio, o mundo.

Não tendo deixado uma obra que o revelasse integralmente, que desse um testemunho completo do que elle foi, porque elle foi tambem maior do que as cousas que fez, será por isso, talvez, bem difficil explicar aos que o não viram e ouviram, aos que o não conheceram o segredo da sua influencia, o mysterio da admiração que inspirou e que a sua morte, dez annos depois, ainda não poude apagar nem diminuir.

Eu quizera poder transmittir, aos que o não conheceram, essa impressão que a sua presença causava, estranha impressão que não era jamais de vaga sympathia ou de vaga indifferença, impressão que, desde logo, o fixava para sempre na admiração ou num possivel antagonismo. E' preciso, realmente, tel-o visto viver um instante, participando dos seus sentimentos ou das suas idéas, para comprehendel-o na sua personalidade poderosa.

Que importa não ter sido Jackson de Figueiredo um grande pensador? Que importa terem, depois d'elle e sobre os seus pensamentos, muitos dito, com maior claridade, cousas talvez mais exactas ou mais bellas? Sobre os seus julgamentos, nestes dez annos decorridos, outros julgamentos já foram accrescentados. A experiencia, o conhecimento vivido das cousas, já modificaram porventura alguns ensinamentos e algumas idéas de Jackson. Mas é preciso não esque-

cer que elle esteve alerta na hora do somno, na hora escura, sem idéas e sem pensamentos.

Para falar de Jackson de Figueiredo, para falar da sua acção, é, pois, necessario, antes de tudo, situar o no seu tempo, que foi, e já não é, o nosso tempo. Para falar de Jackson é, pois, preciso falar do seu meio, da atmosphaera em que elle agiu.

Conheci Jackson de Figueiredo pouco depois da minha adolescencia. Estava eu nessa phase da vida em que tudo é ainda pura curiosidade, puro desejo de conhecer as cousas de fora, ainda. Nessa phase da vida em que nos contentamos com o superficial. Conheci Jackson num momento de plena mocidade, momento em que mal principiámos a tomar contacto com nós mesmos, em que buscamos ainda a nossa propria definição, em que o que somos se revela a toda hora e sempre constitue surpresa para nós. Conheci Jackson numa hora de ingenua vontade de realizar uma obra literaria, de revelar meritos illusorios, mas que julgamos immensos.

A vida do espirito, então, só nos apparecia no seu aspecto puramente literario e exterior. Queriamos literatura, buscavamos apenas a expressão mais inédita, mais singular, mais original, mais nova nas imagens que a vida nos apresentava. Olhávamos tão sómente para as cousas que traziam o aspecto de pura novidade. Amávamos os ultimos poetas do tempo, as ultimas innovações, enfim, o que ostentava tão sómente o signal, a marca modernista. Parecíamos, nesses tempos, que as cousas tinham principiado connosco, que as gerações mais recentes tinham tido, ellas apenas, a graça natural de saber tudo, de fazer tudo mais perfeito, de conhecer a vida mais intimamente, de comprehender melhor e de uma maneira mais profunda todos os problemas do pensamento e da arte, esquecidos, como estávamos, ou, mais exactamente, ignorantes como eramos, de todos os que, atravez dos seculos, crearam este mundo de pensamento, de intelligencia e de belleza que apenas, ai de nós, e de maneira tão rude e imperfeita, copiamos e repetimos. As preocupações mais serias, a inquietação fecunda diante dos problemas da existencia, o sentido tragico do destino humano, o interesse pela vida nacional, tudo isto, todo esse sentimento grave do mundo, toda essa procura de um sentido para a vida, foi o que Jackson de Figueiredo, o conhecimento de Jackson um dia nos revelou.

Elle veio como um signal de reacção contra nós, contra a nossa falsa inquietude, contra a nossa ingenua sufficiencia.

Alguns comprehenderam esse signal. Eram os da sua familia e que andavam ainda transviados nas liberdades da tão dura mocidade e, que, ao ouvir a sua voz, reconheceram o timbre da grande voz de Casa. Outros o acceitaram. Pertenciam a uma outra familia, tinham um outro fogo no coração a conservar, tinham nascido para outro destino.

Mas, mesmo os que o não acceitaram e sentiram, foram esses mesmos como que revelados a si mesmos por elle, pelo antagonismo irreductivel que lhes despertou o amigo, para quem nos voltamos neste instante.

Veu como um signal contra nós, disse eu. Em lugar das acrobacias literarias, em lugar das formas, que pretendiamos originaes, de uma arte que bus-

cava redescobrir o mundo, em lugar das experiencias surrealistas, em lugar, numa palavra, do velho modernismo, a posição de Jackson era a de um homem que andava ás voltas com os temas austeros, ás voltas com as idéas fundamentaes. Quando procuravamos, apenas, uma arte sem relação com cousa alguma, livre, solta, gratuita como um jogo, Jackson já ansiava, já lutava para conduzir a intelligencia do seu paiz á meditação dos problemas mais angustiosos e mais serios.

Eramos espectadores da vida politica no Brasil. Jackson, porém, reresentava essa vida politica e vivia o drama nacional Brasileiro, participando das suas crises agudas, crises que silenciaram e se confundiram no chaos da revolução de 30.

Lembro-me bem de como lutamos para o acceitar. Lutamos contra elle, reagimos muito contra esse homem, que nos parecia tão pouco seguro no seu gosto literario, tão demasiadamente affirmativo nas suas convicções, tão exaggerado em julgar figuras e cousas; ora louvando num entusiasmo que nos parecia excessivo ou mesmo errado, ora negando, de forma rude, cousas que, precisamente, julgavamos dignas de louvor. Jackson era maior do que as suas opiniões porém e, na verdade, deante da força da sua grande natureza, bem pouco significa o seu bom ou mau gosto, a sua exactidão ou inexactidão no condemnar ou no louvar...

Grande Jackson de Figueiredo, que, segundo uma phrase caricatural da época, «andava comprometendo Pascal»! Grande e querido Jackson, mestre da contra-revolução, da reacção do bom senso, da defesa da ordem! Como fostes, realmente, um aviso á nossa descuidada disponibilidade, grande Jackson, a quem, tantas vezes, julgamos, em virtude da tua feição reaccionaria um homem perdido no passado! Como eras, com o teu amor ás idéas eternas, com o teu conhecimento dos valores tradicionaes e vivos, como eras bem mais do que nós, modernistas fichados, um homem que participava da vida moderna, e como era integralmente um espirito do nosso tempo esse teu espirito que procurava, realizar uma personalidade affirmativa e nitida para servir a um ideal alto e eterno. Dentro da pobreza, dentro do clima espiritual do Brasil, dentro da nossa tão tenue e tão diluida atmosphaera, como eras um participante do mundo, como eras um ser realmente universal!

Lembravas um pouco Charles Peguy, pela tua penetração total em certos problemas e pelo sentido humano, ousarei mesmo dizer, carnal que sabias imprimir ás cousas do espirito. Lembravas tambem um pouco, o neto de Renan, esse sempre jovem Ernesto Psychari, pela tua dramatica impulsão para o absoluto, pela tua fé numa lição preciosa e firme de coragem, pelo amor á autoridade, á disciplina, tão proprio do homem da milicia, do soldado.

Eras alguém, Jackson de Figueiredo. Conheçamos tantos homens em serie, tantos homens que se confundem na indefinição, que a tua figura Jackson constituiu para nós um encontro precioso e uma lição que nos é impossivel desconhecer. Poucos, quantos homens assim como tú, Jackson, encontramos na vida?

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

«CAXIAS» — EPOPÉIA BRASILEIRA

A força maravilhosa de nossa raça é de tal modo vitalizante que a todos os momentos surgem surpresas do seio confuso da multidão. A collectividade freme sacudida por mil cotucadelas ascensionaes. Nenhum sector social vive parado. O dynamismo criador agita-se no campo industrial, artistico, scientifico, historico, poetico, litterario, patriotico. A onda productora tem qualquer cousa de fabula e de magia, tantos são os effluvios magneticos que se condensam e crystallizam no ether da nossa patria.

Dahi a impossibilidade deste ou daquelle espirito, por mais curioso e pesquisante, acompanhar no momento a evolução technica dos mais conhecidos problemas brasileiros. No campo sensacional da politica, onde o genio admiravel do maior estadista americano, snr. Getulio Vargas, dia a dia nos reserva novidades civicas, de ordem moral e de ordem material — tudo resulta do imprevisito. O Estado Novo é um repositório de energias que symbolizam o surto majestoso de idéas em marcha. Em marcha para as altas reivindicações. O movimento de ascensão rática equivale, pois, a uma alleluia de perfectibilidade.

Assim, é impossivel a esta ou aquella intelligencia, mesmo bem informada no campo livresco, estar no conhecimento da producção litteraria, saber de tudo que se escreve e lança no paiz. Eis o motivo de não ter eu, senão indirectamente, informação precisa da mentalidade fulgurante de Affonso de Carvalho. Aqui, ali, ouvia-lhe o nome elogiado e engrandecido. Mas quanto nome patricio não vive só do elogio, criando no ambiente mental da nação um falso prestigio?

De sorte que foi com certa reserva e muita suspeita que abri, quasi espiando apenas para uma de suas folhas centraes, o livro *Caxias*, do major Affonso de Carvalho. E, oh, maravilha! Meus olhos se pregaram na pagina e foram recolhendo aquella prosa cantante, sadia, sem cabellos brancos nem logares communs, flexivel, agil, nervosa, muitas vezes épica, de epopéa brasileira.

Volvi, então, ao principio da obra, quando ainda o notavel publicista allude ao «cadete de cinco annos». A esthetica do estylo, simples e translucido, feito para ser lido pelas massas humanas e pelos artistas, me fez devorar o tomo com a afflictiva impaciencia de quem se quer saturar da essencia absorvida, isto é, da belleza, á feição do indigena que ingere o

deus-bicho ou o deus-planta afim de apropriar-se, nas dobras do totemismo, da perfectibilidade superior do ancestral.

De pagina em pagina, de capitulo em capitulo, *Caxias*, homem e livro, veiu crescendo no meu exame veiu augmentando na menina dos meus olhos, veiu adquirindo a moldura miraculosa que é, ao mesmo tempo, bronze e diamantes, ferro e estrellas. Toda a parabola ducal da figura prodigiosa que impressionara a Politica e o Exercito, illuminou-se nesta obra como a projecção dum meteóro riscando o cariz do céu.

Daquelle duque de Caxias que eu conhecera atravez do turbilhão falso de biographias, mal contadas e mal escriptas, repontava agora um brasileiro extraordinario, cheio de bravura e cheio de virtudes, padrão vivo de sua gente e de sua classe.

Depois das injustiças soffridas, quer do imperador quer do senado, era o proprio monarcha, cahido em si, por certo, que mandava chamar o excelso biographado para chefiar o gabinete afim de abafar a crespa e irritante questão religiosa durante a futura directriz da nossa querida princesa Izabel. Cada capitulo desses, laborado na pedra litteraria de Affonso de Carvalho, representa um bloco do monumento que elle ergueu para celebrar o perfil radioso do maior dos nossos militares.

Somente uma penna inspirada na verdade e nos deuses poderia fazer essa reconstituição ao sopro quente da belleza. Ninguém perde uma sentença. Não ha uma linha morta. A imagem recomposta avulta com intensa refulgencia. Entretanto, o que mais admira nesse magistral volume que se chama *Caxias* é a força descriptiva das batalhas, o assalto aos fortes, aos reductos inimigos, ás praças de guerra, ás cidadelas paraguayas. Dir-se-ia um pintor transplantando, primeiro do natural para a tela, e, depois, da tela para o livro, como o faziam os irmãos Goncourt.

A fuzilaria, os tiros de canhão, o avanço da cavallaria; o redemoinho das hostes, o amalgame das turbas combatentes, o lampejo das bayonetas, o grito dos feridos, o éco dos clarins, o clangor das cornetas, o barulho da cavallhada, a investida e o recuo, as lançadas furiosas e o panejar das bandeiras, os tambores e as vozes de commando — rasgam no extraordinario livro *Caxias* um scenario tão vivo e fiel que nos deixa aturdidos.

Lembram a flagrancia colorida de Flaubert, na *Salamambo*, junto aos muros de Carthago, surprehendido no fundo do tempo, nas azas da ficção e nos mais altos visos de realidade. O major Affonso de Carvalho surge como testemunha prasencial da guerra do Paraguay, tão naturaes são os seus aspectos, as suas perspectivas, os seus panoramas. Poucos artistas da prosa recomporiam, dentro da mais rigorosa technica, esses quadros da nossa epopéa.

Ouvem-se os anáthemias e as blasphemias, os rugidos coléricos, o ruido fragoroso das machinas de guerra, o estrepito alacre da cavallaria, o ronco das bombardas adversarias, o nitrido espumante dos corceis, o caracolar das montadas sem ginetes, o

Acaba de apparecer :

MINHA VIDA

de ISADORA DUNCAN

2.^a Edição — Traducção de Gastão Cruls

Livraria José Olympio Editora

Um novo poeta portuguez

Todos os dias surgem novos poetas no Brasil: ainda ha pouco tempo Adalgisa Nery, outro dia Ivan Ribeiro, ontem Oneyda Alvarenga, agora Rossine Camargo Guarnieri! E em Portugal? Tambem em Portugal, com cada geração que aparece, surgem novos poetas. A *Revista de Portugal*, a *Presença*, outras revistas, vão-se encarregando de os revelar. Mas não haverá outros poetas, ainda desconhecidos? Apresentei, há pouco ainda, aos leitores do *Boletim de Ariel*, um poeta verdadeiramente novo: Tomaz Kim, cujos versos, aliás, não eram já completamente desconhecidos em Portugal. Mas, hoje, quero revelar-vos um poeta inteiramente inédito, que nunca deu uma poesia a qualquer revista ou jornal litterario, e que por meu intermedio escolhe essa casa brasileira para, pela primeira vez, desvendar aos homens o seu coração. E é bem um coração de homem que se mostra nestes poemas de um moço de vinte e tal annos, o novo poeta portuguez José de Portugal.

JOSÉ OSORIO DE OLIVEIRA.

romper dos quadrados eriçados de bayonetas. E' a partitura estridente duma orchestra demoniaca ator-doando e confundindo os combatentes.

Cálamo impar, reflectindo o olho privilegiado que a dois terços de seculo enxerga os dramas tombados da nossa temeridade, elle tem ainda o condão miraculoso de animar, de sacudir, de retesar os nervos de todas as personagens que desembainharam a espada vingadora contra Solano Lopes.

O major Affonso de Carvalho fecha, solido colchete de aço, a triade inconfundivel de officiaes que se notabilizaram nas lettras e que são Escragnolle Taunay e Euclides da Cunha. A *Retirada da Laguna* e *Os Sertões* se completam agora com o admiravel *Caxias*. Em cada um desses volumes gritam a belleza e a realidade. São epopéas nacionaes que foram surprehendidas pelo talento encantado de tres eleitos das Graças.

Reflectir aqui, nesta ligeira critica impressionista, o que representa de alto e suggestivo o tomo sensacional do major Affonso de Carvalho — é impossivel, tantos são os paineis civicos, os quadros patrioticos, os surtos de arte que remarcam o volume. O que todavia convem assignalar de modo que o publico lhe fixe o vulto e lhe rodeie a silhueta de sympathia e agradecimento — é o escriptor memoravel, que reponta com aquelle raro poder litterario que immortalizou Homero na *Illiada*.

Além dessa característica, palpitante no livro *Caxias*, levanta-se mais outra — a da ressurreição integral do heroe brasileiro. No rectificação da mascara, dos contornos, do corpo, da alma, num balanço physico e psychologico, aflora a segurança de que o duque de Caxias, para orgulho e fastigio da nossa raça, podia ingressar na galeria dos varões de Plutarco.

RAYMUNDO MORAES

POEMAS À MÃE DE UM FILHO MORTO

Os braços vasio. (manhã)

*Teus braços estendem-se, ó mãe do filho morto,
E carinhosamente sentem o peso do que não está lá.
Teu rosto soffredor, como o de Jesus no horto,
Pende para os braços a ver se elle dorme já.*

*Socega, deixa que adormeça assim pendida
Tua cabeça cheia de amor pelo que não chegou a
[existir.
Tu nasceste dando alegria á que te esperava;
E agora... pensas que era melhor não ter's chegado
[á vida...*

Berço vasio (Noite)

*A noite o vento corre no telhado
A uivar queixas, amaldiçoando...
E o berço estremece embora tão vasio...*

*Enquanto as horas passam vendo-te chorar,
Cada vez mais te vae prendendo o frio
E as roupas do bercinho estão se agitando...*

*Porque não morri? — geme baixinho o coração.
Ah porque estremece o berço que não poudes servir?
Quem abriu a janella ao vento do telhado?
E' o papão em busca do menino,
Do menino que não chegou a vir!*

Olhos vasio (Sempre)

*Os teus olhos, oh mãe do filho mal nascido,
Nunca mais se encherão de nada.
As lagrimas nelles são o bem fugido,
Vasio o coração, a alma desolada.*

*Entre ti e tudo, elle estará sempre
O que não chegou mesmo a ser nada.
O seu choro no bercinho mudo
Na casa triste e calada
Para quem não ouve não é nada
Mas para ti há-de ser sempre tudo!...*

Collo vasio (Tarde)

*Quando te sentas cozendo e a chorar
O teu olhar vasio pausa no collo
Onde antes pousaras o facto do baptismo
Quando passavas o tempo a desejar
O que afinal não seria nunca nada.*

*O teu collo, agora sem destino, amarrotado,
Seria o poiso desejado
Do que viria a alegrar-te o lar.*

*Agora e sempre passarás as horas a sentir o frio
Que deixou no teu collo tão vasio
Aquelle que esperavas a cantar,
Quando o teu olhar vasio pousar no collo,
Quando te sentas cozendo e a chorar!...*

JOSE' DE PORTUGAL

APONTAMENTOS DO MEU DIARIO

A igualdade é uma simples utopia, sobretudo no terreno intellectual.

—o—

A cultura classica, fortificada pela sciencia, abre ao espirito todos os horizontes.

Ninguém ousará, de boa fé, negar a hierarchia do merito.

—o—

A verdade não é uma só. As verdades mathematicas são muito differentes das verdades historicas. As verdades chimicas não se confundem com as verdades moraes. E acima de todas ellas estão as verdades divinas.

—o—

Pensamento de Joubert: «Ha uma infinidade de cousas que só fazemos por necessidade». O que é natural é exactamente o contrario. Uma revolta instinctiva se apodera da nossa consciencia sempre que fazemos forçados qualquer trabalho. Vivemos dominados pelo capricho da nossa fantasia. Dahi, sem duvida, todo um mundo de cousas que fazemos sem nenhuma necessidade.

—o—

Sobre a literatura epistolar: Plinio o Moço foi o iniciador do genero; Madame de Sévigné elevou-o á altura de um principe; Proust disse a ultima palavra sobre o assumpto.

—o—

E' de olhos fechados que vemos com maior clareza. Quando quero ver claro, começo fechando os olhos.

—o—

Cultivo as minhas amizades como si cultivasse um jardim: com os mesmos cuidados e os mesmos carinhos.

—o—

Na vida, o que menos depende de nós é precisamente o nosso destino.

—o—

As republicas das formigas deviam servir de exemplo ás republicas dos homens.

—o—

Ha questões que só podem ser resolvidas fóra da logica.

—o—

Na balança da vida, as idéas uteis pesam mais do que as idéas luminosas.

—o—

A arte é uma segunda existencia. Os artistas vivem pelo menos duas vezes. Os que são aureolados pela gloria da immortalidade vivem ainda uma terceira vida.

—o—

A vida em si é banal e insipida. Nós é que a transformamos segundo o nosso temperamento e o nosso estado de espirito.

—o—

Diz-se que a vida é uma illusão, que só a morte é uma realidade. E a morte não será uma segunda vida?

Os analysts mais profundos do coração humano são os que menos conhecem as nossas lutas interiores.

—o—

Basta um encontro, ao acaso, para mudar o curso dos nossos pensamentos; basta, ás vezes, um sonho para mudar o rythmo das nossas almas.

—o—

O que hoje nos parece intoleravel, amanhã nos parecerá delicioso. A mulher que hoje detestamos será amanhã a mulher do nosso desejo e da nossa paixão. O livro que hoje nos empolga, amanhã nos aborrecerá. A terra que hoje julgamos hostile será amanhã o nosso paraizo. Quem nos comprehenderá?

—o—

Paul Valéry por vezes me desconcerta. Um exemplo: «Tudo que se diz de nós é falso: mas não mais falso do que nós mesmos pensamos». Si tudo o que dissessem de nós fosse falso, seríamos forçados a não acreditar em ninguem. Nem mesmo nos nossos detractores; nem mesmo no autor de Chôses vues!

—o—

Ha olhares que se encontram e se repellem com violencia, como si fossem dois inimigos de morte; outros que apenas se cruzam e logo se inflammam, como si estivessem promettidos ou combinados.

—o—

Ponho sempre de quarentena as opiniões decisivas e os julgamentos definitivos.

—o—

Cada geração tem os seus habitos, os seus methodos e os seus prazeres proprios.

—o—

Obrigado a escolher entre a verdade e a justiça, não sei como decidiria.

—o—

Primeiro as minhas amizades; depois as minhas obrigações.

—o—

A paz é a victima das intrigas diplomaticas e do orgulho dos governos inconscientes.

Os povos sedentos de guerra devem ser considerados incuraveis. Pisados, vencidos, esmagados, elles serão sempre contra a paz.

—o—

Batendo-se pelo ideal contra a evidencia da realidade, Voltaire foi o pae do pacifismo mystico. Doutrina defensavel na sua epoca, mas incomprehensivel no seculo XX.

—o—

O optimismo é para o espirito o que a saude é para o corpo.

—o—

Jesus pregou a paz entre os homens; os homens pregam a guerra entre os deuses.

—o—

Ha loucos que falam como si fossem sabios e sabios que falam como si fossem loucos.

—o—

A paciencia tem os seus limites naturaes: transborda como o vinho num calice.

Não sei, fóra da politica, como se possa cortejar a popularidade. Os escriptores populares me deixam indifferentes. Prefiro mil vezes os ignorados e os esquecidos. A popularidade me levaria ao suicidio.

—o—

E' preciso não confundir as liberdades economicas com as liberdades moraes. Uma cousa é a liberdade de commercio, outra cousa é a liberdade de ensino; uma cousa é a liberdade de capital, outra cousa é a liberdade de religião. Nego terminantemente que todas as liberdades sejam solidarias.

—o—

As massas populares são contradictorias e inconsequentes: votam hoje por um candidato, da mesma maneira que votarão amanhã pelo mais irreductivel dos seus adversarios.

—o—

Ha homens que têm o dom da improvisação: com uma palavra ou um gesto, resolvem os problemas mais difficeis.

—o—

A litteratura é como um licor capitoso, do qual não se deve abusar. Tanto pôde ser um tonico, como pôde ser um toxico.

—o—

Chopin desconheceu, ao mesmo tempo, o orgulho e a vaidade. Só os genios verdadeiramente sublimes são capazes desse duplo milagre!

—o—

Repito sempre, em surdina, estas palavras de uma carta de Chopin ao seu amigo Titus: «Sombrios presentimentos, agitações, insomnia, nostalgia, indiferença em relação a tudo. Prazer de viver, e, logo em seguida, o desejo da morte...»

—o—

Chopin foi, por excellencia, o poeta da musica. O segredo da suggestão foi o mais precioso de todos os seus dons.

—o—

A logica está longe de ser um methodo tranquillo.

—o—

Para o homem teimoso todas as lições são inuteis, inclusive as da experiencia.

—o—

O amor tanto pôde ser uma exigencia do instincto como um capricho do coração.

—o—

Escreve com simplicidade, sem rodeios inuteis, como si estivesse conversando em voz baixa, ou fazendo uma confidencia. Escreve naturalmente e todos te comprehenderão.

—o—

Escreve apenas quando te sentires em «estado de graça». O peor escriptor não é o que escreve mal, mas aquelle que escreve para não dizer nada.

—o—

Escreve, sobretudo, sem a preocupação de agradar aos teus futuros leitores. Em arte o que menos conta é a popularidade; o tempo é que é o grande juiz!

OSORIO DUTRA.

Historia puxa historia

Ha pouco tempo escrevi uma nota — nota ligeira, aliás — a respeito do sr. Gastão Cruls. E apontava como uma das qualidades basicas do seu talento de escriptor um enorme, um grande poder de analyse.

Nesse *Historia puxa Historia*, que acaba de ser publicado, vamos reencontrar o analysta perscrutando os detalhes mais subtis das figuras que surgem nos seus contos, nas suas historias, nos seus pequenos romances — romances tragicos, ás vezes. Romanes de creaturas doentias, arrastando os seus desvios, as suas fraquezas, deixando extravasar os seus impulsos mais instinctivos.

Sendo medico, o sr. Gastão Cruls traz para a litteratura aquella frieza deante dos casos quasi sempre pathologicos que surgem aos seus olhos. Factos de arrepiar cabellos, dramas dolorosos com sombras surgidas das creações de Edgar Poe — tudo é contado com uma naturalidade admiravel por esse escriptor que mantem um absoluto controlle sobre a sua imaginação. Raro é o signal admirativo ou exclamativo que descobriremos em «*Historia puxa Historia*» — esse é um detalhe bem significativo que marca muito fortemente o temperamento desse contista.

O que qualquer um outro faria com exclamações repetidas, tentando mais dramatisar a historia pela phrase eloquente, o sr. Gastão Cruls conta simplesmente, levemente, sem gritos. O ar de tragedia passa por algumas das paginas mais suggestivas de *Historia puxa Historia*, passa, porem, com uma certa subtileza que dá mais valor ao livro. O analysta é arguto, vae fundo na alma dos personagens que se movimentam na obra, mas é sobretudo delicado, e expõe os dramas, as tragedias, os ridiculos, sem brutalidade, envolvendo o leitor quasi imperceptivelmente.

O livro do sr. Gastão Cruls me impressionou. Ha vida nas suas paginas. Pena é que o autor tenha se voltado exclusivamente para os aspectos pathologicos da vida humana, esmiuçando casos medonhos, guiado talvez por Edgar Poe, que de instante a instante se faz presente no livro. O escriptor brasileiro, porem, se mantem livre, com os seus traços personalissimos.

Ao meu ver *Historia puxa Historia* situa o sr. Gastão Cruls como o maior contista do Brasil actual.

HUMBERTO BASTOS

Edição Ariel:

SEM RUMO

Novella gaúcha de CYRO MARTINS

EM TODAS AS LIVRARIAS

IDYLLIOS DE HONTEM E DE HOJE

O amor, que no romance do século passado era o assumpto preponderante em todos os episodios, na paizagem e no dialogo, ainda existe hoje, mas como uma especie de anjo cahido em desgraça. O amor, no romance actual, deixa uma marca funda, nitida, porque não é um fantasma e sim, ainda, pessoa cheia de vida e direitos de existencia, mas surge e passa depressa.

No século XIX, Julien Sorel quando não tem Mme. de Rénal ao lado, ou mais perto, traz a sua sombra agarrada a si e o seu nome no coração, nos olhos e na bocca. Paulo e Virginia podiam amar-se á vontade durante quinhentas paginas de grande formato, sem que o leitor enternecido pensasse uma unica vez que, afinal de contas, nem só com beijos o homem vive e ganha o ceu.

No século XIX amava-se dum amor absorvente que era razão de vida e motivo de morte; os amorosos de Chateaubriand, de Stendhal, até de Bourget, tinham em si, ao mesmo tempo, o amoroso violento das epopéas antigas em que se raptava a mulher amada e por ella se arrasavam troyas, e o amoroso de pensamento, o cavalleiro andante que ia amar ao longe, nos confins da Palestina ou nas azas dum moinho de vento. *Ella* era, simultaneamente, a «dama dos pensamentos» e a mulher conquistada e possuida: ausencia e presença, rainha e serva. E *elle* era D. Juan e D. Quixote.

Hoje, o amor apressado que nos resta tambem amor «cavalheiresco, mas de automobilista andante pelas Jerusalens da City e da Wall Street; e a «dama dos pensamentos» não está distante num torreão de castello, mas num escriptorio industrial ou, mais anachronicamente, ao pé do fogão da cozinha ou á cabeceira do bebé.

O Rolando, renascido em 1800, que partia a trucidar sarracenos, tinha sob a cóta de malhas um coração pulsando pela bem amada sempre bella e sempre querida como no momento da separação; podia envelhecer e ficar feia, que na memoria de Rolando permanecia immutavel a imagem moça e formosa da Alda longinqua.

Hoje, Rolando chega, á noite, de combater com os sarracenos da Bolsa, ainda vem com a paciencia mal ferida e a honradez de caracter um pouco acabrunhada, e encontra a mesma Alda do pequeno almoço, com olheiras de cansaço e azedume de qualquer aborrecimento domestico, prompta para discutir ou para ir ao cinema ver um filme sem interesse.

Apezar disso, a época de 1800 não era mais propicia ao romance amoroso que esta nossa época technomechanica e barulhenta em que vivemos. O romancista tinha á sua disposição o mesmo material de lutas sociaes, de crimes politicos e de misérias economicas que absorve toda a actividade do romancista contemporaneo.

Napoleão morria em Sta. Helena e Bismarck estava nascendo; o éco dos canhões recém-calados ficava no espaço renovado pelos tiros doutros e doutros canhões; a conquista pela força ainda não tinha o nome de auto-determinação de minorias, acção civilizadora ou coisa semelhante, mas já muito fraco gemia sob a protecção dos fortes. A moral estatica e a moral dinamica, o infra e o supra racionalismo que Bergson inventou, já constituíam a base de muitas immoralidades sociaes que, por sádico orgulho, temos a mania de dizer que são novas, que são do nosso tempo. Apenas, então, havia mais sinceridade que hoje, e fazia-se com a espada o que nós fazemos com guarda-chuvas e pedaços de papel.

Comtudo, Paulo e Virginia nada sabiam do que se passava no mundo, e soffriam e gozavam sozinhos o egoismo do seu exclusivo amor.

Dahi poder pensar-se que se amavam uns aos outros com tamanho entusiasmo e heroismo. Porque o destino dos homens abafava num quarto de provincia ou tomava ares num banco de pedra ao luar.

Esse amor está desterrado do romance contemporaneo por virtude dos romancistas e por pecado, ou castigo, de todos nós.

A não ser pequena parte do povo que se deixa distrahir pelo sport e entorpecer pelas rivalidades do foot-ball, ficando mais perto do

lado facil e inútil da vida, todos vivemos com a alma vendida ao demonio da politica e ao demonio da economia.

O mundo está cheio de sudetos e protectores de sudetos, e da fraqueza duns e protecção doutros, distilla um odio corrosivo que vae roendo os pedaços de amor ainda agarrados no coração dos homens e que já não servem senão para tornar mais doloroso e vivo o contraste entre o mal que vence e o bem que é vencido.

O amor de homem-mulher ainda existe; porém nós sabemos, e resignamo-nos, que não ha quasi tempo e disposição nem para um beijo na testa.

E os romancistas sabem, e querem, que o amor de enamorados dos antigos dias só voltará quando fôr destruido o odio de francezes, allemães, russos, inglezes e todos, e houver um pouco de amor entre todos os povos, todas as raças e todas as classes.

Por isso, no romance de qualquer nosso romancista contemporaneo — Jorge Amado, Graciliano Ramos... — O idyllio de enamorados é substituido pelo grande idyllio da humanidade que elles lutam por crear.

O amor num saveiro da Bahia de Todos os Santos e de Pae de Santo Jubiabá, é o eterno amor de sexo meio espirito e de espirito meio sexo de todos os homens e mulheres de todos os tempos, mas que hoje, só tem lugar sobre as ondas do mar, bem longe da terra, das balas e das grêves do cáes.

Os saveiros de todo o mundo abrigam o amor sob as estrellas e a protecção e ameaça duma Yemanjá que existe menos nas aguas que no desejo de todos os Gumas e todos os Queridos de Deus.

O saveiro regressará ás areias do caes, quando acabar na terra a grande briga dos negros com os patrões.

Então sim, já será possivel aos amorosos tomarem conta, outra vez, da penna e da cabeça dos romancistas, porque já todos gostaremos de ver os outros beijarem-se, e já teremos tempo e disposição para o nosso beijo tambem.

MARIO BORGES DA FONSECA.

POEMAS DE BEATRIX REYNAL

Béatrix Reynal reúne, neste momento, os originaes para um segundo volume de poesia que, como *Tendresses Mortes*, aparecerá em França e que, como *Tendresses Mortes*, está certamente destinado a alcançar o mesmo successo junto á critica e junto ao publico da Europa e do Brasil.

A poesia de Béatrix Reynal desconhece artificios, rebuscamentos e torturas verbaes. Tudo, nella, vive e palpita em atmosfera de um passado de simplicidade e de innocencia e tudo transmite uma encantadora mensagem dessa graça singela e fresca que só encontramos nas almas das crianças e das mulheres. A pureza desses versos despertou a attenção da grande Colette, que viu, em *Tendresses Mortes*, toda a espontaneidade e todas as impressivas nuances de um authenticico livro de mulher.

O BOLETIM DE ARIEL oferece aos seus leitores, neste numero, dois poemas inéditos de Béatrix Reynal — escolhidos entre os diversos que formarão o seu proximo volume.

O POETA JOÃO DE CASTRO OSORIO

Em 1920, uma elegia, *Rainha Santa*, revelou, de subito, um novo grande poeta portuguez: João de Castro Osorio. No anno seguinte, a tragedia *A Horda* mostrou a outra modalidade do talento criador do novo poeta. Em 1923, uma nova tragedia, *O Clamor*, confirmou essa notavel revelação. Mas treze annos se passaram sem que João de Castro Osorio desse á estampa outra obra litteraria, pouco mais fazendo, publicamente, que dirigir essa magnifica revista de cultura que foi o *Descobrimento*. Mas o poeta, embora absorvido pela vida, não deixava de escrever, e em 1936, ao publicar *O Cancioneiro Sentimental*, podia annunciar, como prompto a apparecer, outro volume de poemas. *O Cantico do Desejo*, e quatro grandes obras dramaticas.

No *Cancioneiro Sentimental*, João de Castro Osorio revivificou todas as formas do lyrismo occidental, desde as canções medievas até ao verso livre, moderno. Nem todos os criticos lusitanos se aperceberam do que havia de novo nesse poeta, que não adoptava só todas as formas poeticas, mas as renovava e as empregava para exprimir um novo pensamento, uma nova concepção philosophica da vida e do amor. Poeta consciente, para quem toda a criação é um acto de intelligencia, segundo a concepção goethiana da obra de arte, não admira que João de Castro Osorio pareça menos moderno aos olhos dos «modernistas». Mas quando passarem as modas do momento, o autor do *Cancioneiro Sentimental* na de ter o lugar que merece na litteratura do seu paiz.

Quiz João de Castro Osorio ceder ao *Boletim de Ariel* um dos seus poemas, ainda inéditos, do *Cantico do Desejo*, em que o lyrismo oriental encontra uma nova expressão e um novo sentido, em que as formas poeticas do Oriente são recriadas por um poeta com pensamento proprio e original.

Publicamos este poema em outro local desta Revista.

LE PRINTEMPS PASSE...

*Le printemps passe...
Chantez, mon coeur!
Car du Bonheur
C'est la preface.*

Chantez, mon coeur!

*A ma fenêtre,
De belles fleurs
Aux tons charmeurs,
Viennent de naitre.*

Chantez, mon coeur!

*Ami que j'aime
Au front rêveur,
Pour mon bonheur,
Endors ma peine.*

Chantez, mon coeur!

*Adieu misère,
Adieu douleur!
Tout est splendeur
Sur cette terre!...*

Chantez, mon coeur!

—O—

LA COMMUNIANTE

*Légère, elle va sous le voile blanc,
Vers l'église en fête ou Jesus l'attend.*

*Dans ses grands yeux bleus, remplis de tendresse,
Son âme d'enfant dit son allégresse.*

*Et sa blanche main serre avec amour
Le long chapelet de nacre, trop lourd!*

*J'aime son front pur, sa belle couronne,
Et son air si doux, son air de Madonne...*

*Ses cheveux châtons aux beaux reflets d'or,
Tressés simplement, font sa grâce encor.*

*Longtemps, malgré moi, je reste songeuse,
Car j'ai vu passer une enfant heureuse...*

*Et je me demande, en ce jour charmant:
— Qu'est — il devenu, mon beau voile blanc?*

*Mais... voici venir les souvenirs sombres
Qui, sur mon ciel clair, jettent quelques ombres...*

Edição ARIEL

ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

1.a Série

12\$000

UNIDADE DE DUAS VIDAS

Madame Curie pertenceu ao mundo dos homens por um equívoco do destino. Ella estava destinada á vida dos entes sobrenaturaes, dos que não sentem as necessidades da materia nem as misérias do corpo. Uma sublime vocação a guiou durante toda a vida, afastando-a inteiramente dos prelios onde se disputassem a conquista de posições e vantagens. Dedicada «in totum» á sciencia, Marie Curie passou pelo mundo sem sentir-lhe as imposições mais reaes e constantes. Ha na historia dessa mulher, que antes de ser humana foi sublime e quasi divina, um que de mystico indecifrável, uma despreocupação pura e sincera por tudo quanto não se relacionasse com as suas investigações scientificas. A vida foi-lhe um desenrolar constante e successivo de victorias moraes, sem fraquejamentos tão humanos e tão communs. Convem, pois, ler a sua biographia, que o carinho e o amor de sua filha puderam offerecer ao mundo para que este aprendesse, no exemplo de uma mulher, a lição mais alta da sabedoria e da dignidade.

A Polonia em 1878... Uma patria opprimida, escravizada, submettida á Russia. Um povo que soffria os vexames e as misérias da escravidão, sem poder lutar contra o invasor. A idéa da liberdade andava em todos os lares e alimentava os serões familiares. Foi nesse ambiente e nesse instante da vida poloneza que nasceu Mania Sklodowska, a que seria mais tarde a gloriosa, a venerada, a sabia Madame Curie. A sua infancia decorreu, assim, naquella meio onde onde tudo era sacrificio, desde a vida particular até a nacional. Aprendeu a soffrer e a sonhar pela grandeza da patria. Recebeu no berço a lição do desprendimento e desde os mais tenros annos sentiu que á humanidade faltava a noção bem exacta do amor que uns devem aos outros.

Já na infancia, revelou Marie um estranho dom de concentração, uma intelligencia viva e profunda, capaz de apprehender as mais arduas lições rapidamente e com segurança. Deve ter influido grandemente na formação do seu character, arrasando-a irresistivelmente para a

gloria, as humilhações a que viu serem submettidas a sua patria e a sua gente, impedidas, então, de brilhar ante o mundo pela tyrannia do governo russo. Veio dahi, por certo, a sua ansiedade de triumphar, de levantar bem alto o nome da Polonia. Jamais o seu espirito deve ter esquecido as scenas que tiveram lugar na sala de aula que frequentava num pensionato de Varsovia quando, certo dia, ali appareceu o inspector russo. Estava a professora narrando ás alumnas, em polaco, a historia da Polonia.

«Subito, como cúmplices (de facto, todas estremeceem: o toque de alarme duma campanha electrica havia soado.

Dois toques longos e dois breves.

Aquelles signaes criavam uma agitação violenta, mas silenciosa. Tupcia ergue-se de brusco e ajunta

á pressa os livros esparsos. Mãos rapidas limpam as carteiras dos cadernos e manuaes em lingua polaca e os amontoam nos aventuaes de cinco meninas ageis, que sómem com a carga rumo ao dormitorio das internas. Barulho de cadeiras, de tampas abertas e vagarosamente fechadas. As cinco carregadeiras voltam sem folego e retomam os seus lugares. A porta do vestibulo abre-se lentamente.»

Aquella visita inesperada do inspector russo foi a causadora de toda essa correria. A Russia punia severamente todo o professor que commettesse o feio crime de ensinar aos polonezes a historia da Polonia! O inspector entra silenciosamente e percorre a sala com a vista, procurando penetrar naquellas almas e arrancar-lhes algum segredo. Todas, entretanto, trabalham calmamente... Uma das meninas vae ser chamada para que o inspector a interrogue. Espectativa ansiosa... Chamam Mania, a que melhor fala o russo e que sabe as lições com meiz segurança. Faz-lhe o inspector uma serie de perguntas sobre a historia e as cousas russas. A tudo ella responde com precisão e sangue-frio. Os representantes do Tzar retiram-se satisfeitos... Então, «Maria sae da fila e approxima-se da professora, que sem nada dizer beija-a na testa. E, bruscamente, na classe retornada á vida, a pequena poloneza, a cabo da resistencia nervosa, rompe em choro.» Esta imagem da Polonia ha de ter sido presente em sua memoria em todos os instantes de sua existencia. E talvez tenha sido a força mysteroisa que a levou á conquista das suas estupendas victorias.

Mau grado todas as desgraças que a feriram bem cedo, apesar das innumeras difficuldades que atravancaram o seu caminho, Marie Curie soube encontrar em si mesma a força indispensavel á realização dos seus sonhos. Pobre, sem recursos, ella ainda descobriu meios de auxiliar a irmã mais velha na conquista de um diploma de medica numa das universidades da França. Esquecia-se de si mesma, deixava para um problematico futuro a realização dos seus planos de estudos! Que alma harmonica e des-

Collecções encadernadas do

BOLETIM DE ARIEL

Com um indice de
artigos e citações

Temos á venda collecções
de todos os annos

**PREÇO VOLUME DO
ENCADERNADO 40\$000**

prendida foi a dessa mulher de eleição! Sequiosa de saber, desejando ardentemente matricular-se na afamada universidade de Sorbonne, Marie cede o lugar á irmã e insiste para que ella acceite. E não é só. Obtem o emprego de preceptora e vae ganhar para si e para auxiliar a familia.

Mais tarde, quando pode emprender a sua viagem para Paris, com que sacrificio o faz! Nesta cidade, inicia a segunda phase da sua vida de abnegada. Passa os dias a estudar, a enriquecer o seu espirito na sua sêde immensa de aprender. E nessa tentativa louca de attingir os cumes de todos os acontecimentos, aquella jovem poloneza não se lembra das suas mais immediatas necessidades. Alimenta-se mal, vive afastada do mundo, fechada, como uma freira, no seu misero quarto de estudante pobre. Que lhe importava a saúde, se o alimento que ella almejava era o do espirito? Que lhe importava o tumultuar da vida em redor, as delicias da vida mundana, se lhe bastavam a vibração das idéas immortaes que o saber nos proporciona?

Em sua vida, o amor, que fosse estranho ao circulo da familia onde nasceu, só existia uma vez, quando ainda na Polonia exercia as funções de preceptora. Teve uma profunda desillusão e compreendeu que ella estava votada ao consorcio unico e desinteressado com a sciencia. As gentilezas masculinas passavam-lhe despercebidas. Marie interessava-se exclusivamente pelo estudo. A uma mulher, assim, difficilmente poderia apparecer um marido. A sorte neste ponto, entretanto, foi-lhe favoravel. Certa vez collocou em seu caminho aquelle que não só havia de ser o seu esposo dedicado como tambem o seu melhor e mais constante collaborador nos estudos scientificos. Esse homem foi Pierre Curie. Havia elle escripto em seu diario: «As mulheres, mais que os homens, querem a vida pela vida. Mulheres de genio são raras». E elle encontrou para esposa uma dessas rarissimas mulheres de genio...

Conjugados os seus esforços, tudo vencem aquelles dois pesquisadores incansaveis. Entregam-se ambos aos estudos relativos aos phenomenos revelados por Bequerel.

«Os raios de Bequerel intrigam os Curies no mais alto gráo. Donde vinha a energia, minima embora, que os compostos do uranio soltavam sob a forma de radiação? E qual a natureza dessa radiação?» Tentados assim pelo desconhecido, lançam-se Pierre e Marie nos trabalhos de pesquisa do radium. Annos a fio se enterram os dois num barracão frio e sem o minimo conforto, em busca do elemento que teima em se manter escondido. A luta que se trava é gigantesca e estupenda! A natureza se nega a attender ao ambicioso desejo do homem e esconde em suas entranhas de mãe ciumenta a substancia que seduz o espirito dos dois sabios. E estes trabalham noite e dia, annos a fio, sem um instante de desanimo, guiados por uma força especulativa dos segredos do mundo.

As primeiras victorias estavam alcançadas, mas, eis que no fatidico 19 de abril de 1906 um acontecimento brutal e lamentavel vem lançar Marie na mais completa viuvez. Pierre Curie morre com a cabeça esmagada pelas rodas de um pesado carro! Eva Curie nos conta no seu bello livro: «Não é nenhuma novidade dizer que um repentino cataclisma pode transformar para sempre uma criatura. Mas a influencia decisiva daquelles minutos sobre o character de minha mãe, sobre seu destino e dos filhos, não pôde passar em silencio. Marie Curie não mudou de mulher feliz em viuva sem consolo. A metamorphose foi menos simples e mais grave. O tumulto interior que a despedaça e o horror sem nome do desnorteamento de suas idéas foram muito fortes para que se exprimissem em queixas e confidencias. A partir do instante em que as palavras: «Pierre morreu» lhe feriram a consciencia, o manto da solidão e do segredo tombou-lhe sobre os hombros. Ao mesmo tempo que enviuvava, Madame Curie tornava-se uma incuravel «isolada».

Qualquer outra mulher, atirada assim tão bruscamente em uma situação como a de Madame Curie, vendo fugir-lhe definitivamente o esposo e o collaborador inseparavel, teria fraquejado e, certamente, abandonado as suas experiencias. Mas ella, não. Animava-a uma força sobrenatural e, antes de tudo,

não havia assumido um compromisso com o marido de continuar os estudos caso elle viesse a desaparecer? Por outro lado, estava toda a humanidade acompanhando ansiosamente os trabalhos do notavel cientista. O radium já revelara poderosas propriedades therapeuticas; quanta dôr era possivel mitigar com as applicações do poderoso elemento! E Madame Curie calcando a propria magua, esquecendo os seus sentimentos de mulher e de esposa, entregou-se inteiramente á sua obra scientifica e levou-a á consagração definitiva.

Mas, a substancia descoberta, retirada do seu esconderijo impenetravel, vencida na sua obsessão de jamais revelar-se ao homem, vingou-se terrivelmente daquella indiscreta que violou esse profundo segredo da natureza. E, paciente, mas, seguramente, foi penetrando no organismo de Madame Curie e acabou vencendo-o. O boletim medico que annunciou o infausto acontecimento dizia simplesmente: «Madame Curie falleceu em Sancellemoz a 4 de julho de 1934, de anemia perniciosa de marcha rapida, febril. A medulla ossea não reagiu, provavelmente por estar alterada por um longo accumulo de radiações.»

Tem razão Eva Curie quando declara na introdução deste seu commovente livro: «Ha na vida de Marie Curie tal numero de grandes traços que nos vem a vontade de reduzir sua historia a lenda.» O nome da descobridora do radium passará para a historia dos grandes bemfeitores da humanidade aureolado pelo esplendor da sua maravilhosa e inegalavel dedicação. A sua biographia poderá perfeitamente ser contada amanhã como são hoje as mais bellas lendas, porque em todas as epochas o seu exemplo será uma profunda lição para os que, esquecidos dos principios de fraternidade e humanidade, não sabem esconder seus sentimentos subalternos e malsãos. Marie Curie foi sublime de tenacidade, foi magnifica na sua indiferença ás glórias passageiras com que os homens lhe acenaram, para receber a unica recompensa que pôde fazer a felicidade dos entes superiores: o veredicto da posteridade.

VALENTIM ALVES DA SILVA.

O RETRATO DE DONA DIO'

Foi pelos olhos de dona Dió que Caçula chegou; preliminarmente, adeanto que Caçula era irmã de Marocas. Sim, pelos olhos de Dona Dió; e pelos de quem havia de ser? Eu, de mim mesmo, vivia, naquelles primeiros dias, na obsessão de reagir contra a absorpção do meio; não teria iniciativa para pensar nestas coisas. Mas os olhos da velha não tinham geito, mesmo; demais, deante do vazio que tinha em volta de mim, Caçula ou qualquer uma outra seria matéria de enchimento; base para um pouco de enlevo intimo, enlevo que não extravasasse; que nem chegasse para o conhecimento della.

Foi na novena da primeira noite da festa que eu vi a Julieta; isto é, Caçula. Morena de terceira geração de portuguez com mameluca, de beijos crescidos, cabello meio enrolado. Vestida de azul.

— Apareça sempre lá em casa; porque já não foi me ver? vi-

vo tão sozinha e uma prosa boa como a sua vale a pena... O ranquinho fica lá no alto; é muito ventilado; a gente bota umas cadeiras na calçada e fica conversando, vendo o movimento; a vista é boa; alcança os sitios lá de cima...

Dona Dió se apresentava como o refugio. E, naquella noite de novena, a primeira, depois de tudo, ella teve uma coisa para me dizer. Já que eu não ia á casa della ella vinha me contar aquillo.

— Não está vendo aquella?

E apontava para a moça de azul.

— Sim, estou; que é que tem?

A velha fez um jogo de corpo; talárilárilárilá... Cantarolou. Riu. E, me pegando na golla do palitô, para falar mais ao meu ouvido:

— Perguntou você como se chamava... lhe achou muito sympathico...

— E que tem isto?

Rarararara... Riu.

— Apareça amanhã de tarde lá em casa que eu lhe digo.

Não iria. Não estava disposto a me deixar vencer assim tão facilmente pelo meio. Depois, porem, esta disposição foi revogada. Não foi amor. Longe disto. Mas o instinto de curiosidade; de ver, de estudar a vida daquella velha, que era, em si, a vida de toda aquella gente. Não restava duvida que a casa de Dió era um refugio. E Caçula, lá dentro, devia ser um attractivo. Pelo menos de minha curiosidade. A velha, vencendo a minha resistencia, me ensinava a casa. Eu já sabia, porém.

— E ella, onde mora?

— Ahi... você parece que dá commigo direitinho... Lá em cima, no largo do Rosario; você sabe onde é; lá junto de minha casa...

Emquanto ageitava o fichú na cabeça, a velha ia tagarelando:

— E' filha de Isaura, a modista; faz camisa tão bem, e pijama, que até parece coisa comprada prompta, na loja...

Ao se despedir, gritou:

— Caçula, espera ahi que eu vou subir tambem...

As duas seguiram juntas. Não restava a menor duvida de que o campo de observação era muito amplo. O typo psychoanalytico daquella mulher era um mundo; velha, já, não servindo mais para nada, conservava, no entanto, uma ardencia que procurava amainar a seu geito; não queria nada para si; mas gostava de arrumar os outros; de depois deixar dois sozinhos e ir, nunca percebi se ficar atraz de uma porta, espiando, ou mesmo se para longe, gozar a seu modo através do rasgo de sua imaginação.

— Ah! o meu tempo de moça... meu bem! Rapaz de fóra, novinho, chegou, cahia logo no meu laço...

Devia ter sido uma attracção turistica. Suspirava. Olhava o retrato do defunto marido, pendurado na parede. E, depois, querendo talvez apagar algum máu juizo que tivesse ficado na gente, arrematava:

— Mas isto foi no tempo de solteira. Depois que casei me impuz; já tinha brincado muito; podia ser honesta; e fui... Não tem por ahi quem conte vantagem...

O PREMIO NOBEL DE LITTERATURA

O Premio Nobel de Litteratura, deste anno, acaba de ser concedido á escriptora americana Pearl Buck, autora do celebre romance Terra dos Deuses (The Good Earth), que tão bem descreve a vida chinesa, num dos periodos mais criticos da sua historia moderna, a dos Lords da guerra.

E' costume dos escriptores da lingua ingleza escrever novellas com personagens e acção em terras estrangeiras e foi justamente um dos mais celebres, Rudyard Kipling quem revelou ao leitor blasé de Londres as grandes aventuras das jungles da India, assim como Joseph Conrad, embora polaco de nascimento, outro lider litterario dos dramas pungentes envoltos sempre de paizagens, mares, florestas e animaes exóticos.

Mas na America, depois de Jack London, com seus livros de inmensa acção nas florestas do Canadá e de Ernest Hemingway, que sóe descrever heróes e climas europeus, foi Pearl Buck a grande escriptora que nos veio mostrar o oriente, sob aspectos horripilantes porém humanamente grandiosos e verídicos, por viver identificada com os infelizes daquella terra antiga, herdeira de uma grande civilização, como que a pagar sempre com dores e tragedias o direito de viver. Esta notavel escriptora é a quarta mulher que recebe a grande honra do premio Nobel, tendo sido assim glorificadas antes della Grazzia Deleda e Selma Lagerlof (litteratura) e Marie Curie (chimica) assim como é a terceira figura das lettras, de nacionalidade americana, depois de Eugene O'Neill e Sinclair Lewis, a ser coroada com o premio que dá riquezas e fama de um dia para outro aos que ainda não foram por ellas bafejados.

No caso de Pearl Buck, como no de Luigi Pirandello, por exemplo, o premio foi apenas um complemento desnecessario, porque jámais um autor foi mais conhecido e divulgado por innumeradas edições em diversas linguas do que a autora da Terra dos Deuses.

VINICIO DA VEIGA.

POEMA INACABADO

Tú és repercutida como um leit-motivo insistente
que aparece ao longo de minha obra.
Estás nella construída como um imenso órgão
alumiado pelo meu espirito.
Cresces nella paralelamente a teu desenvolvimento physico,
incognitamente como uma orfã dentro da multidão.
A's vezes quando dobras uma pagina, perguntas: Sou eu?
Mas olhando depois corro a paisagem mudou no espaço de um segundo,
encontras os teus membros na nudez de uma phrase.
Nunca te libertarás deste parque em que eu e tú nos ancerramos
como dois desaparecidos
e em que nos nutrimos um do outro contra as leis naturaes.
A's vezes te encolhes de mim como uma pequena maré,
mas basta que eu abra as palpebras e a minha memoria te encontre
para te recompores immediatamente
como minha maior dimensão.
As nossas respirações enchem o mundo,
achatam o mar,
agitam as palmas e os areaes.
Pairamos em planos irrealizaveis á maioria das aves
porque estás construída ao longo de minhas paginas
com uma outra visão musical occulta em cada palavra.
Nunca ninguem achará a chave deste mysterio.
E os olhos que perpassarem atravez de tantos poemas que não findam
e que se transformam de momento a momento
não comprehenderão nossa gravitação eterna
e extranharão o movimento perenne
em que nos perseguimos e nos superpomos.
Outras vezes as minhas mãos são um disfarce de ti
escrevendo tua historia ou me sustentando a face.
Ora pareces marcha nupcial e és elegia,
ora és sacerdotisa, musa, louca, pastora ou apenas ave.
Dei-te diversos nomes para que ninguem te acompanhe.
Annuncio que morreste para que ninguem te convide.
Quase sempre te transformo para te distribuir.
É quando me resta uma unica migalha, te reconstituo como uma
cathedral e te alimento como uma creancinha.
Figuramos no mappa como um sol gêmeo que num perpetuo eclipse
dá a impressão de um só nucleo.
Gravidades extranhas nos attrahem, sombras tutelares protegem a
nossa rotação em que tudo são coincidencias como duas azas
num corpo.
Algum sacerdote egypcio já nos tinha visto por acaso uma noite,
e morreu sem nos decifrar, pois não voltamos ainda
nem á primeira pagina, nem á primeira estrophe
do imenso e mysterioso poema sempre por terminar.

JORGE DE LIMA.

Não tinha mesmo não. Andei de perguntas com a gente do seu tempo; era verdade. Mariquinhas do Correio é que não fôra gente; tivera quatro maridos; era casada pela quinta vez; e nenhum dos seus maridos podia se gabar de ter passado incólume; Mariquinhas não era gente!

Dona Dió morava sozinha; não queria saber de morar com parente nenhum; preferia assim, iso-

lada no seu casarão do largo do Rosario; fazia o que queria e o que bem entendia. Dormia a hora que era do seu gosto, accordava quando lhe dava prazer. Comida, só na hora em que tinha fome. De manhã era de casa em casa; de tarde, na porta da casa della.

OMER MONT'ALEGRE.

(Trecho do romance a apparecer *Villa de Santa Luzia*.)

Acaba de apparecer:

DE

Donatello Grieco

A Vida

de

Napoleão

CONTADA PELOS LIVROS

Bibliographia Napoleonica

Ephemerides da vida de
Napoleão

Depoimentos de Biographos e Contemporaneos

Volume broc. 6\$000

Edição da S. A. A Noite

Praça Mauá, 7

RIO DE JANEIRO

CASTRO ALVES — O MAIOR POETA DO BRASIL

Amadeu Amaral inicia um estudo sobre Gonçalves Dias com estas palavras: «Qual é o maior poeta do Brasil?» Depois de mostrar a precariedade dessas classificações, a nenhuma razão para um «maior» ou «menor», uma vez que todos os grandes poetas são «maiores», embora nenhum delles «tanja todas as cordas do immensuravel instrumento da nossa alma», concluiu por afirmar que, se como juiz não se abalançaria a decidir no pleito, já não lhe seria «tão embaraçoso defender a causa de Gonçalves Dias, como advogado». Enumera então algumas das qualidades do grande poeta. Em primeiro lugar fala da brasilidade ou brasileiroismo dos seus versos. «O primeiro que surgiu com physionomia bem nova, bem forte e bem brasileira». Acrescenta depois algumas palavras sobre as «suas habilidades de metrificador, a sua maestria de composição e o seu dominio sobre o idioma.» Concorda que todas essas qualidades seriam poucas, se o poeta não tivesse produzido realmente coisas bellas, de forte e perduravel belleza. Cita Y — Juca Pirama e fala do romantismo

que nunca se «caracterizou por um agudo entendimento das «almas», antes resolvendo tudo por meio de generalizações imaginosas. Esse estado de consciencia, se fatal para as faculdades criticas, dava-lhe, contudo, «uma poderosa exaltação de sentimento, uma exacerbada febre de imaginação, um grande impeto de todo o seu ser, que punha nas suas produções, muitas vezes, uma dolorosa e fremente condensação de «humanidade». Mais algumas referencias sobre o exito alcançado por Gonçalves Dias entre os seus contemporaneos, que foi, na verdade, enorme, tendo mesmo provocado um «pronunciamento» geral de opinião em torno do seu primeiro livro, e eis resumida, embora epidermicamente, a defesa que confere a Gonçalves Dias o titulo de maior poeta do Brasil. Faltaria, é certo, a phrase final, onde o saudoso poeta de *Nevoas*, já esquecido de que não estava defendendo como advogado o cantor de *Cymbiras*, afirma: «Sim, sim, és o maior poeta do Brasil!»

Essas linhas todas vieram a proposito da publicação recentissima, pela Editora Nacional, das *Obras*

completas de Castro Alves, na edição critica, organizada e anotada por Afranio Peixoto, cuja primeira edição, apparecida por ocasião do cincoentenário do fallecimento do poeta, se achava, ha muito, exgotada. Ainda hoje se discute se é ou não Castro Alves o maior poeta do Brasil. Preocupação talvez estéril ou inoportuna, mas como o proprio Amadeu Amaral reconheceu ao escrever sobre Gonçalves Dias, preocupação de todos os tempos, sem geito de encontrar um ponto final, sem possibilidades de um abafamento integral. Ultimamente o grupo que defende ou reivindica para Castro Alves o titulo, tem se engrossado de fórma extraordinaria. E' cartaz permanente, e uma Casa que traz o seu nome, se encarrega de commemorar todas as ephemerides que lhe dizem respeito.

O mais interessante nessa contenda toda, são os motivos ou causas, porque se considera ou não se considera, este ou aquelle, o maior de todos. Não foi inutilmente que commentei as paginas de Amadeu Amaral. A razão de maior peso encontrada pelo autor de *Nevoas*, foi a «poderosa exaltação de sentimento, a exacerbada febre de imaginação, o grande impeto de todo um ser, que punha «nas suas produções, muitas vezes, uma dolorosa e fremente condensação de humanidade». Isso e mais o facto de ter Gonçalves Dias provocado um «pronunciamento de opinião», constitue, na autorizada opinião de Amadeu Amaral, razões das mais acataveis ao se discutir o titulo em jogo. Ora, essas qualidades todas, nós podemos encontrar tambem, fortemente accentuadas, em Castro Alves. O que não faltou, em momento algum, ao cantor de *Navio Negreiro*, foi justamente essa «poderosa exaltação de sentimento». A exacerbada febre de imaginação, lhe é, tambem, característica essencial e, accrescentemos, talvez um pouco prejudicial. Impeto em todo o seu ser, em se falando de Castro Alves chega a ser anachronismo. Em qualquer dos seus cantos em pródos captivos, que tanto defendeu, transborda essa «dolorosa e fremente condensação de humanidade», accentuada pelo autor de O

A NOIVA

*Cobriram a morta com o seu vestido de noiva.
E' alvissimo e ainda conserva as flôres de laranjeira
que marcaram a transição de uma vida para outra vida.
Ha muito vestiu-o a morta,
com elle subiu ao altar,
com elle uniu-se ao homem que amava.
Depois viveu muito, muito mesmo.
Soffreu grandes dôres, derramou lagrimas amargas,
conheceu o outro lado da vida.
Chorou por filhos, sangue de seu sangue,
carne de sua carne, que se foram para sempre.
Vestiu-se toda de preto
e foi marcada no rosto com os estigmas do soffrimento.
Sua cabeça com o tempo tornou-se prateada
e seus olhos muitas vezes eram surpreendidos
a olhar vagamente, a olhar sem ver.
Certamente olhavam o passado.
Sua fala tornou-se mansa
e abençoava todos os que tinham sahido de sua carne.
No dia de sua morte
cobriram-na com o seu vestido de noiva.
E' alvissimo e ainda conserva as flôres de laranjeira
que symbolizam agora uma nova união.*

SERGIO SOARES.

elogio da mediocridade. Sobre a sua popularidade entre seus contemporâneos, qualquer commentario torna-se superfluo...

Como é facil verificar, dir-se-ia ter Amadeu Amaral defendido Castro Alves e não Gonçalves Dias. Salvo o dominio sobre o idioma (e a prioridade do brasileirismo) que, eu por temperamento ou pela idade, o primeiro não pôde, evidentemente, competir com quem escreveu as *Sextilhas de Frei Antão*. Mas essa liberdade, melhor diria, libertação da Inguagem, esses pronomes braileiramente collocados, valem muito mais, para nós, do que a perfeição grammatical das *Sextilhas*.

Sem o minimo intuito de demolir um para elevar outro (pretensão das mais tolas, aliás) a verdade é que, uns palpites de vez em quando nunca fizeram mal a ninguém, muito menos, quando se trata de fixar um ponto de vista pessoalissimo. O que desejo accentuar, sem mais preambulos, é o facto de que todas as discussões mantidas sobre o assumpto, acabaram numa unica conclusão: os moços, isto é, os que não attingiram ainda trinta annos, são por Castro Alves, conferem-lhe o título de maior entre os maiores. Já os mais maduros, dos trinta para cima, acham que a discussão deve gyrar em torno de Gonçalves Dias, Raymundo Corrêa, Vicente de Carvalho ou Bilac. Um senhor, por signal que muito culto e sensato, costuma me dizer: «Olhe rapaz, podes continuar queimando teus cartuchos em pról de Castro Alves. Não ha outro geito mesmo. Mas daqui alguns annos, quando o «cabo das tormentas» se approximar, relê o Raimundo ou o Gonçalves Dias e verás se modifies ou não o teu juizo»...

E' possivel que sim. Não é a primeira vez que me dizem isso. O que não compreendo, porém, é um rapaz de vinte e poucos annos, trocando Castro Alves por qualquer outro, seja Raymundo ou Bilac, Gonçalves Dias ou Vicente de Carvalho. Onde encontrar este arroubo, esta audacia, este palpitante estuante de vida, esta nobreza de sentimentos? Qual o poeta que nos offerece o espectáculo deste elevar-se continuo, ao infinito, onde nem as aguias chegam? Charles du Bos faz da «exaltação inicial», a

A VISÃO DA GRANDE AGONIA

PARA JAYME OVALLE

De um pólo ao outro o Christo se ergue immenso através dos diluvios. Mas a sua angustia é tão grande que o Pae lhe cerrou os olhos para Elle não ver.

Pois vieram de-noite seus proprios homens: seus bispos sem mitra, seus reis sem corôa e mataram seus anjos.

Ha alguns anjos mortos no pedestal do Deus!

A brecha que o Irmão Oriente lhe abriu sobre o peito sangra tanto que as aves migradoras já suspenderam o vôo e a multidão se agglomera no caes como para uma grande viagem.

Não se sabe se o que esvoaça sobre o cume dos montes

é uma grande aza partida ou se é a propria mortalha do Christo!

Mas os mendigos são os unicos que estão mansos:

elles enfeitaram os proprios ossos e grudaram alguns sorrisos e algumas borboletas sobre os bigodes sujos! Ah como são ageis e louros os pobres Jobs do Senhor!

Um trouxe uma gota de orvalho para os labios do Homem! Outros trajam maillots de varias côres!

De facto é um manso homem que sangra esbofeteado pelo grande Golias.

David se deixa vencer: sua cidade é outra

e as chagas de suas mãos são janellas abertas para o ultimo celeiro.

Pensam entretanto que a morte se approxima e por isso apromptam fossas para enterrar-o, e um demonio compra cinza e cal para corroel-o!

Mas o Homem immenso lança o seu olhar piedoso a todos os que estão cavando:

aos afogados do primeiro diluvio, aos que o quizeram

matar antes d'elle nascer;

tomam-lhe o pulso, e a Sua febre se transmite aos prophetas gagos.

Das boccas dos prophetas sahem nuvens de gafanhotos para destruir as colheitas roubadas.

Sãem ovos para os famintos.

Sae mel para as colmeias seccas

Alguns demonios suicidam-se tres vezes mas não podem morrer.

E das boccas dos demonios caem serpentes, cravos, lanças, espinhos zigue-zagues e uivos de cães hidrophobos

Mortos ressuscitam com tutanos perfeitos.

— os corações como purpura ainda sujos de formigas da terra!

Apenas a corôa do Deus pende para um dos ladrões,

a cortina do Templo se romperá

e onze milhões de diabos comerão os proprios figados com grandes gestos tragicos.

Quando a bocca exhalar o ultimo suspiro como um odre divino que se esvae,

a Ressurreição está sendo annunciada ao primeiro casal.

Agora vão enterrar-O para o mundo nascer!

E eu o poeta penderei a cabeça sobre o seu peito amado.

JORGE DE LIMA.

constante da arte poetica. Com relação a Castro Alves não se pôde falar em exaltação inicial, pois elle é uma exaltação continua, permanente, sempre em ascensão. Seu verbo é inflammado, vibrante, riço, viril, transpirando essa masculinidade que o torna grande, forte, potente, apocalypticamente mesmo. Esse tom epico de certos poemas, essa grandiosa elevação dos seus sentimentos, devem, por força, falar ás

almas jovens, ás almas não corrompidas pelo scepticismo, pela descrença. Está, com certeza, nessa vibração exaltada contra os oppressores, uma garantia segura da perdurabilidade dos seus versos, pois nem os opprimidos desapareceram nem desaparecerão tão cedo da terra. Esta audacia, este arroubo do poeta contra os mais potentes reis da terra, contra todos os elementos, contra o proprio Deus, se a um

frio analysta parecerá audácia de quem não media consequências ou não podia soffrear seus impulsos, aos que, lêem, comtudo, com o sentimento, parecerá simplesmente divino. E poesia requer para ser lida e compreendida, antes de mais nada, sentimento.

Gostaria de transportar para estas linhas algumas expressões typicas, que servissem para dar uma idéa da potencia, de titanismo deste poeta. Ingenuidade da minha parte, bem sei, pois quem, entre nós, não leu uma vez pelo menos, as *Espumas flutuantes*, a *Cachoeira de Paulo Affonso*, etc.? A grippino Grieco já accentuou (que se em «Antonio Nobre o vento mia, em Castro Alves é levado ao extremo, ao exaggero hyperbólico das imagens, que alguns acham chato, mas que sempre achei e continuo a achar simplesmente sublime. «Seu tumulto é o peito do vasto universo, do espaço — por cupola — as conchas azues!...» (Pedro Ivo). Ou então, na *Ode ao Dous de Julho*: «Por palmas — o troar da artilharia!», etc. E' só o trabalho de copiar: «A frente dos Andes reclinase — e o Atlantico humilde se estende a seus pés». Trocando phrases com os trovões no espaço — raios com os astros nos sombrios céus...» «Com os pés na terra e a fronte no infinito» «E do peito arranquei um pavoroso grito, — que foi bater em cheio ás portas do infinito». «A dextra ameaçando a immensidade». «Fez dos Andes — travesseiro, — do firmamento — lençol!» — Multiplicaria em centenas os exemplos, como centenas de expressões onde vocabulos como rugindo, tufão, aguia, amplidão, infinito, incomensuravel, pincaros, ruje, cyclone e tantos outros equivalentes, poderiam ser apontados. São pequenos detalhes, sem duvida, mas detalhes de um todo onde jámais falta o calor humano, o brado desesperado pelo afflicto, a imprecação violenta e desabusada contra toda a especie de despotismo.

Está claro que Castro Alves não é somente isso que tão mal accentuei, pois não falar no lyrico admiravel de *Boa Noite!* e tantas outras obras primas da nossa sensibilidade, é amputal-o naquillo que talvez constitua a mais forte razão de ser da sua eternidade. Este simples angulo da sua poética justifi-

Um ensaio sobre a economia de Alagoas

Confesso que abri o livro de Humberto Bastos, meu confrade alagoano, com um pouco de desconfiança de não o ler até o fim. Aquelle titulo de *Assucar e Algodão* me cheirava a particularismos de assumpto de commercio e industria que não provocavam minha curiosidade ledora, profano que sou nelles.

Todavia a offerta do confrade e a estima intellectual que elle me merece como critico litterario intelligente e equilibrado, me levou a iniciar a leitura no melhor dos propositos de avançar pelas suas paginas. A verdade, porém, é que o fiz sem o menor constrangimento, antes com interesse e deleite. Basta affirmar que li o volume com raras interrupções.

Humberto Bastos escreveu seu estudo historico-economico em torno dos velhos banguês, das usinas e das fazendas de algodão com a pena elegante com que tem escripto os seus commentarios de litteratura. Quando as cifras precisam entrar em scena fazem-no com geito que lhe disfarça a carantonha para os que não lhes concedem muita sympathia.

Assucar & Algodão, assim, torna-se pretexto para uma serie de capitulos de todo interessantes que, servindo de fiança dos conhecimentos do autor nesses assumptos serios de historia, sociologia e de estatistica, do maximo interesse para os homens praticos, e que contam na vida, por outro lado conseguem sem esforço, antes com prazer espiritual, captivar aquelles que andam pelo mundo da ficção e por tanto ficam á margem dos valores no scenario social.

Dentro do thema que o titulo da obra indica Humberto Bastos traçou, para mim, com um colorido e um movimento altamente suggestivos, foi um largo trecho da historia de Alagoas — Colonia, da Alagoas — Provincia e da Alagoas — Estado. Do ressaltado de suas paizagens rural e sertaneja, num passeio por aquelles rincões onde andou a historia com a lenda, poetisando os cercados, as bagaceiras e as rodas dagua, antes da transformação das grandes usinas que alçam os boeiros e fumegam dia e noite...

Foi por essa face que o livro agradou e prendeu. E por isto cheguei a sua ultima pagina sem o menor signal de cansaço. Muito ao contrario.

MARIO SETTE.

caria o titulo destas linhas, se o proprio poeta não proferisse a outra phase, a daquella que julga ser a da verdadeira poesia, aquella que na «terra dos Andradas, dos Pedros Ivos e dos Tiradentes deve ser magestosa como as mattas virgens da America, arrojada, como seus rios gigantes, livre, como os ventos, que passam gementes por suas varzeas e que zurzem os costados pedregosos dos seus gigantes de granito», poesia essa que sendo o reflexo da terra», deve ser tambem o «arauto da liberdade e o brado ardente contra os usurpadores dos direitos do povo».

Mas lyrico ou épico, «convulsão da natureza» como disse Agrippino Grieco, ou o «mais bello momento do Brasil», na phrase de Gilberto Amado, é Castro Alves, sem duvida, o poeta que mais fa-

la ás almas moças. O milagre da sua existencia e do seu genio, ainda hoje impõe, a todos que estudaram a sua obra, estas perguntas: «Onde, em que epoca ou lugar, alguém com essa idade, subiu tão alto?»

EDGARD CAVALHEIRO.

FRANK H. TYLER

PROFESSOR DE INGLEZ



Av. Paulo de Frontin, 358

— Trata-se depois das 20 hs. —

NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

CHARLES SEIGNOBOS	Historia sincera da França	13\$000
VISCONDE DE TAUNAY	Pedro 2º	9\$000
GUY WIRTA	Nina Rosa	4\$000
ANTONIO FELICIANO CASTILHO	As Georgicas de Virgilio	12\$000
CELINA DE MORAIS PASSOS	Noções sobre Quimica Alimentar	8\$000
A. J. DE SAMPAIO	Phytogeographia do Brasil	12\$000
PANDIA' CALOGERAS	Problemas de Administração	12\$000
GUSTAVO BARROSO	Historia Militar do Brasil	10\$000

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL Séde: Rua dos Gusmões, 118 - S. Paulo - Filiaes: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
Rua do Ouvidor, 94 - Rio de Janeiro — Rua da Imperatriz, 43 Recife - Pernambuco
A venda em todas as Livrarias do Brasil e Portugal

Livraria José Olympio Editora

Telegrammas

OUVIDOR, 110
23-2389

JOLYMPIO

1.º MARÇO 13
23-2831

RIO DE JANEIRO

NOVIDADES DE NOVEMBRO

Eloy Pontes — A VIDA DRAMATICA DE EUCLYDES DA CUNHA (Vol. 13 da Col. Doc. Brasileiros)	20\$000
Lucia Miguel Pereira — AMANHECER (Romance)	7\$000
Humberto de Campos — SOMBRAS QUE SOFREM (7.ª ed.)	6\$000
Gilka Machado — SUBLIMAÇÃO (Poesias) Dist.	8\$000
Raul Bopp e José Jobim — Sól + Banana (notas sobre a economia no Brasil) Dist.	8\$000

NOVIDADES DE OUTUBRO

Pontes de Miranda — NOTA PROM ISSORIA (2.º vol. do «Direito Cambiario»)	30\$000
Franz Toussaint — O JARDIM DAS CARICIAS — Trad. de Adalgisa Nery	10\$000
Omar Khayyam — RUBAIYAT — Trad. de Otavio Tarquinio de Sousa	8\$000
O CANTICO DOS CANTICOS — atribuido a Salomão — Trad. de Augusto Frederico Schmidt	6\$000
Rodrigo Octavio Filho — VELHOS AMIGOS (Vicente de Carvalho — Mario Pederneiras — Ronald de Carvalho)	7\$000
J. Pinto Antunes — FILOSOFIA DA ORDEM NOVA	20\$000
Tia Evelina — RECEITAS PARA VOCE — 2.ª edição aumentada	14\$000
Decio Pacheco Silveira — A HORA DA SAUDADE	7\$000

NOVIDADES

ULTIMAS EDIÇÕES DA CIVILIZAÇÃO
BRASILEIRA S/A

SERAFIM LEITE, S. I.	
Historia da Companhia de Jesus no Brasil — 2º vol	40\$000
FANNIE HURST	
A Esquina do Peccado	6\$000
ALEXANDRE DUMAS	
Os quarenta e cinco — 3 vol — Coleção Sip	6\$000

DIVERSOS

Pequeno Dicionario Brasileiro da Lingua Portuguesa, cartonado	18\$000
» » » enc.	20\$000

A. FERREIRA FILHO

Cooperativismo nos Institutos de Previdencia social	5\$000
---	--------

Livraria Civilização Brasileira

MATRIZ	FILIAL
Rua do Ouvidor, 94	Rua 15 de Novembro, 144
RIO DE JANEIRO	SÃO PAULO

NOTA — A Matriz atende pedido pelo "Serviço de Reembolso Postal".

ESPELHO DOS LIVROS

«A NOVA POLITICA DO BRASIL»
— *Getulio Vargas* — *Livraria José Olympio Editora* — *Rio, 1938.*

Não houve ainda escriptor ou publicista que conseguisse fixar na sua luz propria o retrato politico do sr. Getulio Vargas.

Varias tentativas têm sido feitas em vão. Artistas magistraes nessa arte diabolica ensaiaram immobilizar o modelo dentro do vasto scenario em que elle se movimenta ha oito annos, na ansia de obterem perfil definitivo para a historia.

Tudo em vão. Terminado o retrato, estava differente do modelo.

E' tal a mobilidade da physionomia do sr. Getulio Vargas, deante dos problemas que se lhe apresentaram nesses oito annos de acção que fôra necessario o instrumento de uma sensibilidade perfeita para apprehender-lhe todos os movimentos. O retrato politico do chefe do governo poderia, assim, ser fixado, não em pose especial para a historia, mas dentro do rythmo cinematographico das imagens successivas o modelo não possui o gosto sedentario da inercia, mas a alma aventureira de um beduino que se não cansa de caminhar «nesse deserto de homens e de idéas», da phrase celebre do ministro Oswaldo Aranha.

O erro de psychologia dos retratos do sr. Getulio Vargas tem sido, portanto, precisamente esse de procurar paralisar o na monotona singularidade de uma attitude inexpressiva ou que, por mais eloquente, não valha o dynamismo inquietante de sua mascara e a riqueza orienttal de sua vida interior.

Os perfis dos inimigos saem, afinal, tão falsos quanto os dos amigos. Naquelles, como nestes, não se reconhece a complexa personalidade do chefe do governo. Para comprehendel-a bem, é preciso acompanhá-la sem paixões exageradas e sem entusiasmos excessivos dentro do seu clima.

Além disso, importa observar as reacções nella produzidas pelas constantes mudanças de ambiente, a par da bravura revolucionaria com que alterou vellos habitos nacionaes.

Antes de 1930, existia no Brasil uma moral politica baseada mais na fidelidade partidaria do que no interesse publico. Um homem de governo era escravo do seu partido e governava com elle, ou então impunha-lhe um programma e caminhavam juntos e algemados até o fim. Mudava o mundo, alteravam-se os dados dos problemas brasileiros, variavam as circumstancias: só o homem de governo e o seu partido não mudavam, agarrados á rocha viva de convicções politicas immutaveis.

Originou-se dahi um personalismo aspero e bravio dos chefes de Estado, que impunham disciplina de ferro aos seus partidarios e tratavam os adversarios como inimigos publicos.

A revolução de 1930 subverteu essa tradição. Em primeiro logar porque, ultrapassando os acanhados limites do seu angustiante leito inicial, perdeu o sentido partidario, para dar logar á supremacia de forças dispersas e até antagonicas. Depois, pela presença do sr. Ge-

tulio Vargas no governo. Com o alto espirito politico que todos lhe attribuem, elle conduziu naturalmente os acontecimentos, levando em linha de conta todos os factores da vida nacional, sem partidatismo estreito nem prevenções descabidas.

Não se poderia pretender que numa revolução extensa e profunda, trabalhada por factores diversos, de ordem politica, economica e social, fosse matida a mesma linha inflexivel de conducta. O dever de um chefe de Estado não é oppor resistencia cega á marcha natural dos acontecimentos, mas acompanhá-los, para dirigil-os.

Elle fica, desse modo, sujeito também ás fluctuações das circumstancias, do meio, do momento historico.

A esse respeito, nenhuma confissão é mais expressiva do que a de Disraeli ao recordar, já velho, no fim de sua vida, como aquelle barbaro conquistador que queimou o que adorava para adorar o que queimara, haver realizado afinal a politica de Peel e a de Gladstone, por elle abatida na mocidade.

Tome-se o exemplo de qualquer dos conductores de povos, de Alexandre a Napoleão, de Cesar a Mussolini, de Pedro, o Grande, a Lenine, e veja-se quanta contradicção nos seus actos. A vida de um povo, o governo de uma nação

não ficam nunca subordinados apenas á vontade de um homem, por mais poderoso que ella seja.

Os erros de apreciação dos phenomenos politicos no Brasil, a partir de 1930, decorrem do facto de se haver perdido no artificio forçado do regimen republicano, como se perdera no artificio necessario do Imperio, o senso das realidades sociaes. Estas afinal se affirmaram na plenitude de suas forças longamente contidas e represadas.

O sr. Getulio Vargas, com a sua alta cultura philosophica e social, baseada nos principios inductivos da escola comtista, comprehendeu bem isso.

No livro em que acaba de enfeixar todas as phases da sua vida politica, a partir de 1929, encontra-se o material necessario para o seu julgamento definitivo em face da historia.

Ha na obra perfeita unidade de pensamento, mesmo nos documentos em que influíram, por força das circumstancias, idéas, doutrinas, principios que apenas receberam a chancellia do seu autor. O sr. Getulio Vargas possui mesmo o dom de amoldar ao seu temperamento e de sujeitar á sua disciplina intellectual o material virgem que lhe entregam á imaginação creadora. Senhor, porém, de um estylo plastico, harmonioso e claro, grava as melhores paginas de eloquencia politica quando pôde expandir livremente o proprio pensamento.

E' curioso observar que existe no sr. Getulio Vargas um escriptor de recursos invulgares, com uma certa volupia da forma e das idéas, enamorado dos grandes scenarios e das bellas paizagens. Mas o olhar agudo do politico corta de repente as visões panoramicas e mergulha nos dramas reaes da terra e do homem. Observador objectivo e lucido, não se quer perder em devaneios tentadores da imaginação. Não ha nenhum ar doutoral nos seus discursos, onde se nota sempre a nitidez de linhas geometricas dos raciocinios. Reconhece-se, nelles, o antigo estudante da Escola Militar, habituado a distinguir-se nas operações mathematicas, applicadas mais tarde á politica com a precisão dos calculos differenciaes e dos logarithmos.

De tendencias universalistas, com uma comprehensão instantanea dos problemas collectivos, o seu espirito equilibra-se, ao mesmo tempo, em um poderoso sentimento nacionalista. Equivoco grosseiro é o dos que acreditam no desenraizamento dos homens nascidos nas regiões fronteiriças. Na verdade, dellas é que se pôde olhar a patria inteira e distinguir melhor o seu perfil.

No sr. Getulio Vargas, a passagem pela carreira das armas, o contacto com o Exercito, apurou ainda mais o sentimento totalitario da patria. Jamais deixou de tomar, no governo, decisões graves, pelo receio da debilidade da nossa soberania. Affirmou-a em actos da maior repercussão na vida politica, na economica e nas finanças do Brasil.

Na *A Nova Politica do Brasil* vêem-se nitidamente phases successivas, cyclos completos da nossa evolução nestes ultimos oito annos. Dissolveu-se a Alliança Liberal no movimento de maior en-

Acaba de apparecer

COSTUMES AFRICANOS NO BRASIL

estudando, do ponto de vista científico,

- A raça africana e seus costumes na Bahia
- O colono preto como factor da civilização brasileira
- A arte culinaria na Bahia
- Notas de folcklore negro.

um livro de pesquisa e
observação directa

por

MANUEL QUIRINO

o famoso vanguardeiro de tantos estudos de
africanologia no Brasil.

Volume XV da "Biblioteca de
Divulgação Científica"

Preço: volume broch. 12\$000

Em todas as Livrarias e na
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Pedidos á

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

Rua 7 de Setembro, 162—Rio de
Janeiro

vergadura da revolução de 1930, repressa pela constitucionalização artificial de 1934, sob a pressão do levante de 1932, com uma tentativa de desvio para a esquerda em 1935, e outra para a direita, em 1937, depois de passar pelas desordens eleitoraes da campanha da sucessão presidencial. Por ultimo o golpe de Estado de 10 de novembro foi uma resultante desse ameaçador systema de forças desiguaes.

Do liberalismo á dictadura, da dictadura á constitucionalização, da constitucionalização ao Estado Autoritario, crises diferentes do organismo nacional enfermo de uma só molestia, o Brasil viveu sempre mais das virtudes pessoas do sr. Getulio Vargas do que dos meritos dos regimens. Sem o fetichismo das formulas preestabelecidas, não perdendo nunca de vista as condições do meio e do tempo, venceu tempestades e perigos com methods proprios de governo.

Certa vez, em Athenas, alguém perguntou a Solon, qual era a melhor Constituição. O sabio grego não hesitou e respondeu interrogando: «Para quem e em que momento?»

O sr. Getulio Vargas vem applicando ao Brasil a lição do atheniense. Para cada momento elle teve uma Constituição, e momento houve em que não teve nenhuma. Jamais perdeu o contacto com as massas, percebendo cedo o divorcio evidente que existe entre ellas e as falsas e presumidas elites dirigentes. Ha muito que estas não dirigem mais nada e são governadas. Convenceu-se, como Talleyrand, de que «L'histoire doit devenir l'histoire des peuples et non celle d'un petit nombre de chefs».

O primeiro resultado dessa politica foi a revolução legal realizada em todo o nosso systema economico, industrial e agrario. A legislação social que ahi está é das mais avançadas do mundo. Serve hoje de base para a defesa economica do paiz, que não é mais a defesa de um governo, mas do trabalho e do pão do povo.

O sr. Getulio Vargas, que nunca possuiu espirito partidario e faccioso, collo-

cou a presidencia da Republica ao alcance das massas e ao seu nivel, para que até elle cheguem as suas vozes. Ao seu lado serviram velhos e novos apóstolos, homens de todas as procedencias, egressos de todos os regimens, fanaticos contritos de todas as crenças, que se converteram ao seu credo de governo. No fundo, em pouco sentimental, sentimentalismo dominado pela intelligencia e disciplinado pelo raciocinio, estima ainda os amigos que se transformaram em adversarios e lamenta, como Metternich, a destruição dos inimigos.

Aos que levaram radiantes ao chancelier austriaco a noticia da morte de Napoleão, elle respondeu: «Acreditaes talvez que ao saber de sua morte sentime feliz com o desaparecimento de um grande adversario de minha politica? E' precisamente o contrario. Experimentei um sentimento de pesar ao pensar que não me entreterei nunca mais com essa grande intelligencia.»

O sr. Getulio Vargas não comprehenderia nunca a phrase daquelle ministro de Luiz XVI, de Napoleão e da Restauração: «La haine est un sentiment plus fort que celui de l'interêt personnel». E' que elle começa não odiando ninguém.

Terá tambem experimentado muitas vezes a nostalgia de perder terriveis inimigos e de trocar sua deliciosa convivencia pela de amigos mediocres, mais obstinados do que elles.

Já o grande primeiro ministro da Inglaterra se queixava desses transes dolorosos do poder: «Les jours se passent — escreve Maurois — á reparer les erreurs d'un sot, á lutter contre l'entêtement d'un ami. Avoi un vaste plan serait inutile et l'homme a trop vécu pour l'ignorer».

A Nova Politica do Brasil não é apenas um livro. E' tambem um acto de coragem. Vemos nessa obra, não apenas uma revolução em marcha, mas um homem em acção, e, com elle, uma revolução. Em suas paginas encontram-se todas as phases necessariamente incoherentes de uma mesma evolução.

Não se pode dizer que só agora, com esses cinco volumes, o sr. Getulio Vargas ingressou na nossa litteratura. Ha muito que priva da sua intimidade, conhecendo todos os escriptores antigos e modernos do Brasil, de Manoel Antonio de Almeida a José Lins do Rego, de Tavares Bastos, Alberto Torres, Oliveira Vianna a Gilberto Freyre.

Lembro-me ainda de vel-o, ha cerca de quinze annos, pela manhã, na ponta de um banco de bonde das Aguas Fereiras, lendo bons livros, á hora em que todos os passageiros liam jornaes.

Ao invéz de um escriptor que se revela, na *A Nova Politica do Brasil*, vemos um homem de governo que reafirma todos os actos que praticou, convencido do seu acerto, condicionado áquellas circunstancias de momento e de ambiente. Deixa, assim, para a historia, sem nada omitir, todo o roteiro do accidentado caminho por elle percorrido.

JAYME DE BARROS.

(Transcripto do «Diario da Noite», do Rio, de 8 de Novembro de 1938).

Ultimas Novidades

ARIEL

Gastão Cruis

HISTORIA PUXA HISTORIA

(Contos)

VERTIGEM

(2.^a edição)

Cyro Martins

SEM RUMO

A. da Silva Mello

PROBLEMAS DO ENSINO MEDICO E DE EDUCAÇÃO

José Simplicio

RETRATO POPULAR DE UM HOMEM

René-Albert Guzman

CIUME

5.^a edição

12.000 exemplares

Stendhal

DO AMOR

Traducção de
Marques Rebello
e Correia de Sá

COLLECÇÃO ARIEL DE OBRAS PRIMAS

1.^o VOLUME

DO AMOR

de STENDHAL

Traducção de
MARQUES REBELLO
e CORRÊA DE SÁ

Preço: 15\$000

CHICO

Chamava-se Chico. De que? Elle mesmo não sabia...

— Gente pobre não tem nome... — costumava dizer.

Tinha sete annos. De dia vendia jornaes, de noite apanhava bordoada do irmão mais velho, o Zico, que vivia embriagado.

A mãe havia muitos annos que estava atirada sobre um colchão velho, paralytica, cadaverica, tendo a todas as horas do dia, diante dos olhos baços e sem expressão, o mesmo quadro de miseria e desalento: as paredes sordidas do quarto, donde pendiam molambos, o tecto carcomido e cheio de teias de aranha, a janella sem batentes, eternamente escancarada, mostrando uma nesga de céu em que nas noites claras se vislumbra, como uma esmola luminosa, a claridade fugidia de estrellas...

O pae — Chico mal se lembrava disto — morrera por um dia triste de inverno, de peste, e se fôra, quasi nú, dentro de uma carroça velha que ia fazendo tó-c-tó-c-tó-c..., aos solavancos, pela estrada barrenta e sinuosa que ia dar no cemiterio.

Chico ouvia sempre dizer que havia lá em cima, no céu, um Deus muito bom e muito severo, que não queria que as crianças dissessem nomes feios, nem desobedecessem aos mais velhos. Era um homem muito poderoso, que punha empenho em que todas as cousas na terra andassem direitas e bem feitas.

Surgia, então, na cabecinha do garoto um problema intrincado e insolúvel.

Chico via no mundo (mundo era a cidade em que elle, Chico, morava) gente feliz, rica, alegre; crianças que andavam bem vestidas, que tinham brinquedos surprehendentes e que comiam os doces mais saborosos desta vida. Via, ao mesmo tempo, de outro lado, os infelizes, os desprotegidos da fortuna, os que roíam pão duro e andavam a ferir os pés descalços no pedregulho das ruas. E o pequeno não podia comprehender a razão de tanta desigualdade de sorte no mundo. Como era que Deus, tão bom e tão justo, consentia em que existissem crianças felizes e protegidas, ao mesmo passo que existiam outras, desgraçadas e sós, que, pra ganhar alguns tostões, — magrissimos tostões —, tinham de andar vendendo jornaes pelas ruas, á luz adustiva do sol?...

E Chico não comprehendia... Não comprehendia e ficava pensando, pensando...

Mas não se detinha por muito tempo em taes cogitações, que adivinhava inuteis. A vida ensinara-o a ser pratico. Bem sabia que com sonhos e lucubrações não ganharia o seu salario.

Por isso se atirava ao trabalho.

— O'ia o Correio da Manhã! O Correeio!

E assim ia vivendo...

Chegou o Natal.

Chico tinha uma idéa vaga do que fosse o natal. Sabia que era um dia notavel, em que as crianças ricas ganhavam presentes de um velhinho de bar-

bas longas e brancas, que vinha sempre, todos os annos, com o mesmo barrete grosso de lã e o mesmissimo casacão de pelles, — um velhinho corado e sorridente que já vira pintado num cartão postal.

Mas pra elle — coitado do Chico — aquelle foi um dia como os outros. A mesma lida, as mesmas canseiras...

Quando a noite chegou, silenciosa e envolvente, o garoto estava em casa junto da mãe a olhar com os olhos assustados pra dansa das sombras que a luz tremula de um tóco de vela projectava nas paredes do quarto. E o seu pensamento voava pra longe, pra longe, lá pra cidade onde havia ruido, risos, musica — vida, emfim...

O Natal! Os pinheirinhos enfeitados, as crianças que dansavam de mãos dadas ao redor do velhinho dos brinquedos, os presepes, os bolos claros como espuma, crivados de confeitos multicôres... Todas estas cousas encantadas que Chico vira no Natal passado lhe vinham agora ao pensamento. E o pequeno sentia uma vontade doida de sahir pra fóra e caminhar, correr pra a cidade maravilhosa...

E a tentação foi tão grande que Chico, mal mamãe cerrou as palpebras roxas e machucadas, ganhou a estrada, cauteloso, com o coração aos pulos.

Fôra havia um luar de sonho. Vinha da cidade, vago, mal percebido, mysterioso, um rumor tão leve e subtil que não se ouvia: — sentia-se apenas... Longe brilhavam luzes, como bandos magicos e immoveis de vagalumes. Andava boiando no ar azulado da noite um perfume leve de ervas sylvestres.

Chico respirava forte e sorria. Começava a ficar contente, esquecido quasi da sua desgraça. Já não pensava mais na doença da mãe nem nas pancadas que apanhara do irmão. Porque não ha-

via elle de esquecer todas essas calamidades ao menos naquella noite tão linda? Ora, a vida... Tinha os seus pedacinhos bons... Aquella lua, por exemplo, era uma delicia. Um bolo recheado que elle comera, havia duas semanas, graças á bondade de uma senhora rica, era outra delicia... Não, a vida não era tão má como parecia.

E o vendedor de jornaes, com as mãos nos bolsos esfarrapados, os olhos no céu estrellado, ia perlongando a estrada, rumo da cidade. Pensava: — A lua deve ser mulher do sol. Gosto mais do sol que da lua. Mas a lua é bonita tambem... Que bom que eu fosse rico e que o Zico não surrasse eu. Aquella sombra lá na lua é S. José e a Virgem Maria com Jesus Christo no colo... Si eu tivesse dinheiro, comprava uma cuca com marmelada dentro ou ia ao cinema... Mas o Zico tirou o dinheiro que eu tinha... O Zico é semvergonha. Mas mamãe não pôde fazer nada porque está panalytica... Panalytica ou vanalytica?... Uma coisa assim... Si mamãe não fosse isso ella pegava o Zico e dava nelle...

Deu um suspiro longo. Depois parou por um momento pra escutar a cantiga que vinha duma casa que havia á beira do caminho, perdida entre arvores. Cantavam:

«Jesus hoje nasceu,
Jesus, filho de Deus...»

Chico retomou a marcha. Ia fazendo reflexões:

— Nasceu hoje Jesus... Jesus, filho de Deus. Então Jesus é filho de Deus? Ora esta é que eu não sabia...

E caminhava, caminhava... A casa da beira da estrada ia ficando pra trás, e a cantiga, cada vez mais fraca...

«Jesus, filho de Deus...»

Por fim, já não se ouvia mais.

Mas o Chico foi repetindo mentalmente:

— «Jesus é filho de Deus, filho de Deus, filho de Deus...»

Edição ARIEL:

CYRO MARTINS

SEM RUMO

Novella Gaúcha

EM TODAS AS
LIVRARIAS
DO BRASIL

Nas ruas da cidade havia um ruido desusado. Chico, com os olhinhos faiscando, parava ás janellas das casas, aos portões dos jardins, devorando com o olhar as maravilhas que se lhe deparavam: pinheirinhos fulgidos, donde se dependuravam os brinquedos mais lindos deste mundo, mesas cheias de doces exquisitos e provocantes...

Longe, sobre o céu violeta, desenhava-se o perfil das torres da matriz. Os sinos estavam cantando dentro da noite mystica:

«Dlennn-dlonnn, dlennn-dlonnn...»

— Jesus é filho de Deus... — pensou Chico.

Filho de Deus! Isso devia ser uma cousa extraordinaria. Filho do homem que governa todas as creaturas, todas o Universo! Ser filho de Deus significava para o garoto ter todos os desejos e caprichos satisfeitos, possuir todos os bens da terra.

E Chico tinha uma vaga lembrança de que já vira Jesus — esse Jesus tão feliz — lá no altar mór da igreja, entre luzes...

E uma idéa surgiu, luminosa, no espirito do pequerrucho. E si elle fosse pedir a Jesus que lhe desse um Natal feliz? Si elle fosse, de joelhos, supplicar a Jesus que lhe fizesse sarar a mãe? Si elle fosse?... Diziam que Jesus era tão bom, tão meigo... Sim, Jesus havia de attender-lhe aos pedidos.

E Chico, deslumbrado, caminhou pra igreja. Entrou, na pontinha dos pés, com o chapéo na mão, tímido, respeitoso... Havia áquella hora alguns crentes que oravam. Chico sentou-se a um canto e ficou olhando fixamente pra o altar. Lá, no meio de luzes de todas as cores, risonho, a mão estendida com quem abençoava, estava Jesus, o filho de Deus... O garoto teve impetos de gritar, de pedir em altos brados tudo o que queria. Conteve-se, porém. Olhou pra os lados. Viu que havia gente que o observava, e achou prudente esperar que a igreja ficasse vazia. As horas passaram, numa procissão solemne, lentas, longas, arrastadas.

Quando o ultimo crente saiu e o sacristão começou a apagar as luzes, Chico escondeu-se sob o banco. Depois de alguns minutos ouviu o ruido de uma grande porta que se fechava e a seguir o tic-tic-tac, tic-tic-tac das passadas do sacristão, que caminhava pra o fundo da igreja. Quando tudo ficou em silencio, o garoto deixou o esconderijo. Havia dentro do templo uma claridade pallidamente azul. O luar se esgueirava, doce e sereno, pelas janellas esguias e ia tecer filigranas de prata nos ouropeis do altar, que rebrilhavam. Um raio de lua incidia justamente sobre a cabeça da imagem de Jesus, clareando-a.

Chico, entre medroso e confiante, aproximou-se do altar. Junto do primeiro degráu, parou, ajoelhando-se. Juntou as mãos, levantou os olhos pra imagem e falou:

— Jesus tu que és filho de Deus, pede pra o teu papae pra fazê a mãe do Chico ficá sarada; pra não deixá o Zica surrar eu; pro Chico ganhá uma roupa nova, com gravata encarnada, brilhando, e uma cuca grande, bem grossa, com marmelada dentro... Jesus, pede tudo isso pra o teu papae. Pede tudo, que eu prometto não fazê mais travessura. Aquelle dia eu surrei o Juca porque elle disse que eu era semvergonha na cara. Jesus, tu pede tudo isso, sim?

E enquanto fazia a supplica, bocejava.

Em dado momento começou a sentir uma zoada nos ouvidos; uma nuvem escureceu-lhe os olhos. Parecia-lhe que a imagem de Jesus estava mais apagada, como que envolvida em fumaça. A escuridão a seu redor fez-se mais profunda. De repente, tudo começou a clarear, a clarear esplendidamente. E Jesus, com a mão estendida, desceu sorrindo do altar e caminhou pra o garoto, tomando-lhe a mão. Chico sentiu que se desprendia do solo, e, guiado por Jesus, começava a subir, a voar. Passaram por uma grande fresta que se abriu na abobada da igreja e remontataram as alturas... Chico levou a mão ao hombro e percebeu que ganhara um par de azas. Era anjo. Sentiu pejo, imaginando-se nú, núsinho como os anjos que estava acostumado a ver em qua-

dros. Olhou pra baixo, desconfiado, e viu-se — que lindo! — vestido com um traje branco, como as nuvens, mais puras, e de cuja blusa pendia, rutila e esvoaçante, uma gravata vermelha.

Depois de algum tempo Jesus falou: «Chico, chegamos ao céu».

O céu! O garoto teve um estremecimento. Alongou pra frente os olhinhos offuscados. Viu uma região vasta, alva e rebrilhante como uma planície de neve ao sol. Longe, pregado a um muro, que era o proprio espaço, havia um cartaz enorme em que se lia, em letras de ouro: Céu.

«Chico, vamos pra o banquete de Natal» — convidou Jesus.

E o rapazinho viu-se, depois, sentado a uma mesa comprida, ao longo da qual se enfileiravam diversas crianças, nas quaes reconheceu os seus companheiros de rua. Lá estava o Juca, o Zeca Burro, o Mané Bôbo, Lulú Vaca, o João Macaco, todos, todos...

Ouvia-se, vinda não se sabia donde, uma musica suavissima.

A uma ordem de Jesus, surgiram anjos traziam bandejas cheias de doces. Entre os anjos Chico reconheceu aquella senhora bondosa que lhe dera o bolo recheiado:

— Oh! A senhora também mora aqui?... Veja só, olhe... — disse com orgulho, apontando pras azas, — agora também sou anjo...

Disse isto e atirou-se, voraz, sobre uma enorme cuca que lhe surgira ante os olhos. Comeu formidavelmente. Depois, sentindo que lhe faltavam as forças, deitou a cabeça sobre a mesa, cheio de somno. Começou a dormir profundamente. Passado algum tempo, sentiu que uma mão lhe caia, pesada, sobre o hombro. «Acorda Chico, acorda».

Era uma voz estranha que mais parecia da terra que do céu.

E o garoto descerrou as palpebras de mansinho. Viu que o céu ficara mais escuro e que a mesa do banquete desaparecera com os alegres convivas. E Chico foi discernindo em meio de uma nebulosidade inexplicavel, uma figura que gesticulava. Abriu os olhos, de vez, espantado.

— Acorda, rapaz, acorda!

Era o sacristão que assim falava, sacudindo-o brutalmente pelos hombros.

Foi com olhos ainda estremunhados que Chico se viu fóra da igreja, na rua, á luz de um novo sol. Com a cabeça dorida e tonta, começou a coordenar as idéas. E a realidade voltava, brutal, desalentadora, prosaica. Então aquillo tudo fóra simplesmente um sonho?

Olhou pra o céu: o sol ia alto. Era tarde. Longe, rapazes anunciavam o jornal da manhã: Coooreio da Manhã!!

Pra cumulo da infelicidade não acordara a tempo de ir aguardar a distribuição do jornal á porta da redacção. O dia estava perdido...

Esfregando os olhos, que ardiam, Chico poz-se a caminhar. Ia pensando tristemente nas pancadas que receberia do Zico quando chegasse a casa.

Sentia uma dor aguda no estomago. Desde a tarde da vespera não se alimentava. Vinha-lhe á mente, com frequencia, uma recordação grata: o banquete, no céu, com os companheiros, os anjos e as cucas...

Suspirou fundamente. Afinal a vida para elle começava má, hostil, como dantes. Mas não fazia mal... Chico já estava acostumado a todas as desgraças. E depois parecia que a lembrança daquella noite encantada tinha o poder de atenuar todos os soffrimentos e dissabores.

Como quer que fosse sempre valia a pena ter uma noite assim...

E pensando naquelle lindo sonho que fóra o seu unico presente de Natal, Chico caminhou pra casa, arrastando pelas calçadas poeirentas os pobres sapatos cambaios que comprara a semana passada num ferro velho, por quatrocentos réis...

ERICO VERISSIMO.

(De Fantoches.)

Acaba de Aparecer:

HISTORIA DA COMPANHIA

DE

JESUS NO BRASIL

(1.º TOMO)

Pelo Dr. SERAFIM LEITE, S. J.

Disse Capistrano de Abreu, o nosso maior historiador, que a **Historia do Brasil** não poderia ser escripta antes da **Historia da Companhia de Jesus no Brasil**.

A illustrissima **Sociedade de Jesus**, que tinha fechado seus archivos, até agora, abriu-os e confiou a redacção dessa obra a um dos seus, o grande historiador, Dr. Serafim Leite, S. J.

PREÇO DO 1.º TOMO EM BR. 35\$000

A' venda em todas as Livrarias e na

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

MATRIZ FILIAL
Rua do Ouvidor, 94 Rua 15 de Novembro, 144
RIO DE JANEIRO SÃO PAULO

NOTA — A Matriz attende pedidos pelo "Serviço de Reembolso Postal".

LIVROS NOVOS

«Doença e Constituição de Machado de Assis» — Peregrino Junior.

O primado de Machado de Assis na litteratura brasileira quando não o fosse de outra maneira, seria attestado pela somma de estudos que o homem e a obra provocam. O homem e a obra não cessam de excitar a curiosidade dos estudiosos. Entretanto não ha, aparentemente, nada mais simples. A vida do escriptor foi serena e calma, sem lances romanticos, sem dramas convulsivos e a obra é vasada numa linguagem tão singela e tão limpida que toda a gente a compreende e se julga capaz de reproduzi-la. Mas tudo isso, na apparencia. Na realidade, a psychologia do homem é de uma complexidade extrema e sob a transparencia superficial da obra, resultado de um paciente e silencioso trabalho de estylo, rola uma torrente espessa de coisas turvas. A parte externa, o que se vê de olhos desarmados, é despido de ornatos, é liso e espelhante; mas o interior é uma serie complicada de surpresas. A obra, no seu conjunto, destoa do ambiente e o homem, na sua feição artistica, differencia-se da generalidade dos nossos escriptores. O que a obra encerra é alguma coisa de mais até então offerecido pelo meio e o que subtil e de mais fino que o melhor no homem se descobre é uma trama psychologica em franco desaccordo com o seu aspecto exterior, uma formação artistica sem traços de semelhança com os existentes, até então, na litteratura brasileira.

Não admira por isso que o sr. Peregrino Junior, após tantos espiritos, como o seu, argutos e curiosos, conquistado inteiramente pela obra, se deixasse fascinar do homem e procurasse destrinçar os segredos da sua estrutura psychica para melhor comprehendel-o e amal-o. A primeira coisa que lhe feriu a attenção ao estudar o homem em Machado de Assis, foi o drama intimo já notado de outros, que era o seu esforço continuo para esconder as tristezas da sua origem: a humilidade, a côr, a doença... Esse drama retrata-se nos seus livros. A dissociação entre o homem e a obra, assignalada por alguns dos seus criticos, observa com razão o sr. Peregrino Junior, era, apenas, apparente. A dualidade, ou, antes, a discordancia entre o homem conservador, reservado e timido e o romancista dissecador implacavel de almas, de crueldade sadica, de pessimismo negativista e irritado, não excluia uma unidade substancial profunda. Delatava apenas algumas tendencias essenciaes da sua gliscroidia. Isto, a doença, é que explica a obra. Essa doença é, sabem-no todos, a epilepsia. Não seria possivel comprehender o sentido profundo da obra desse estranho schizoide de genio, escreve o sr. Peregrino Junior, sem conhecer e sem analysar o «mal sagrado» que lhe minava o systema nervoso, envenenando-lhe o espirito. Aliás, prosegue o illustre crítico, não é possivel comprehender nem explicar um grande espirito sem estudar a historia da sua sensibilidade sem pes-

quisar as origens mais remotas do seu genio, sem determinar as causas mais profundas das suas reacções psychologicas. A critica litteraria faz-se hoje, em sentido vertical: é um exercicio paciente de sondagens profundas e graves.

Assim, para bem comprehender Machado de Assis, pareceu-lhe essencial o estudo do seu temperamento, e esse estudo levou-o á verificação de que duas são as componentes fundamentaes desse temperamento: uma normal — a componente schizoide; outra pathologica — a componente gliscroide. A epilepsia, esclarece, em nota, o sr. Peregrino Junior não é propriamente uma doença mas uma anomalia constitucional particular. Os epilepticos possuem as particularidades de caracter e temperamento que constituem aquillo que a sra. Minkowska descreveu com o nome de «gliscroidia». Essa expressão traduz o caracter fundamental dos epilepticos: affectividade concentrada, viscosa, reflectida tanto no comportamento pessoal como na attitude social. Esses temperamentos epileptoides apresentam uma affectividade viscosa, muito adherente ao meio, cujas oscillações, entretanto, não acompanham, estando sempre, para dizer, em atrazo. São em geral, muito affectivos, o que os afasta dos schizoides, mas a sua affectividade, pouco movel, os afasta tambem do synthono». Intellectualmente, são lentos, minuciosos, pouco propensos ás noções de conjuncto. São dotados de pouca iniciativa, sendo muito conservadores, reunindo-se as observações dos especialistas pode-se affirmar, em regra geral, que os epilepticos são individuos, não raro timidos, dubitativos, escrupulosos, polidos, obsequiosos e de caracter viscoso ou pegajoso, prolixos, minuciosos, mais preocupados com o accessorio do que com o essencial; explicativos, apegados aos logares, aos habitos e ás coisas, dominados pelo instinto de morte e a obsessão do «já vivido», methodicos, economicos, conservadores, amigos inseparaveis ou inimigos rancorosos, com tendencia imperativa, voltando teimosamente aos themas e ás ideias, o espirito impregnado de imagens ou representações ideativas e que se repetem com tythmo certo, preocupados com os valores de caracter ethico, pessimistas, narcisicos, revelando, ás vezes, bi-polaridade, affecto-instinctivas domasquista (balanceamento).

Machado de Assis não foi, apenas, um typo «gliscroide». Foi, tambem, um typo «schizoide». Os homens deste typo são complicados, difficeis, rebeldes e profundos. São os homens das variações e das surpresas, do imprevisito. Ora possuem apparencia fria, serena, impassivel e ardem, interiormente, como crateras obstruidas; ora são individuos extremos, exaggerados, cortantes, cujo fundo é sereno e constante, moderado e compassivo. São homens que vivem fechados em si. Sua curva de vida é cortada de variações, de altos e baixos, de côres gritantes e sentimentos que se entrechocam. Conciliam em si coisas inconciliaveis. Vivem dilacerados entre estados contradictorios. Ou se rea-

lizam durante por um dominio assombroso da vontade sobre o tumulto interior ou então deixam-se dominar por uma conclusão irritada, amarga, sombria, que pode levar ao extremo dos estados catathonicos ou ao desespero. A esse typo oppõe-se o do cycloide, que é simples, superficial, adaptavel.

Pensa o sr. Peregrino Junior que a componente schizoide, superajuntada ao terreno epileptico, foi alternada por este, em Machado de Assis, temperando-lhe o caracter e a intelligencia e dando-lhe a physionomia tão singular.

Depois de estudar atentamente a historia pessoal e familiar de Machado de Assis, os seus habitos de vida, as suas attitudes, o seu typo morpho-somatico, o sr. Peregrino Junior foi buscar na obra do escriptor documentos que o autorizassem a concluir que Machado de Assis reuniu, effectivamente, em si, a dupla componente do «Gliscroide» e do «Schizoide». Essa investigação, que é deveras interessante, permittiu-lhe fixar as seguintes caracteristicas do homem:

1º) Tendencia a adherir a grupos e companhias, a amigos e confrades, o que revela o sub-extrato gliscroide da sua affectividade viscosa e concentrada;

2º) apego á terra e aos habitos, espirito conservador, senso economico; todos os traços communs na gliscroidia;

3º) impulsividade não obstante se mostresse quasi que invariavelmente, discreto, polido, obsequioso e timido. «Aquelle homem frio, sceptico e polido, tinha os os seus impetos, os seus impulsos, os seus instantes de entusiasmo e de colera»;

4º) ambivalencia — ambivalencia de pensamento e de sentimento. «O thema da excitação comparece, principalmente, com uma constancia sintomatica, nos livros crepusculares da sua ultima phase: *Braz Cubas, Memorial*;

5º) tendencia explicativa. «Machado fazia questão de explicar tudo, de esclarecer até os minimos detalhes dos factos e das coisas»;

6º) reiteração de themas e imagens sensuaes. É notoria a preferencia de Machado de Assis por certos themas: os braços, os olhos, os cabellos das mulheres: «sempre docemente enamorado dos olhos, dos braços e dos cabellos das mulheres esse lascivo cerebral, cujo subconsciente era povoado dos recalques e complexos que o pesquisador a cada passo surpreende e regista para espanto dos observadores menos alertas»;

7º) iteratividade. «Machado de Assis parecia descrever movimentos concentricos, interminavelmente, em volta de certos assumptos, de certas imagens»;

8º) zoopsia. «Tal tendencia, commum nos alcoolatras e seus descendentes, pode autorizar a supposição de antecedentes alcoolicos na familia do escriptor e, ser isto verdade, estaria explicado tambem outro phenomeno, alem da sua propria epilepsia»;

9º) noção do tempo, «Machado aceitava em geral a irreversibilidade do tempo porque acreditava que elle modificava as sensações»;

10º) instinto da morte. «O terror cosmico de Machado de Assis agrava-se nas obras de sua ultima phase, com a accentuação do seu genio agudo e meticuloso da destruição que assume as

proporções de volupia morbida e estranha... Possuía em alto grau o instinto da morte, que Schilder descreveu nos epilepticos»;

11º) preocupação da loucura, o que é commum nos comiciaes;

12º) rythmo de repetição;

13º) lapsos e correcções;

14º) negativismo, espirito de destruição, melancholia sem fim e sem remedio.

Nota o sr. Peregrino Junior que, acompanhando a marcha progressiva da molestia, se agravaram, nos derradeiros tempos, estas «constantes litterarias e psychologicas» da obra de Machado de Assis: a iteratividade verbal, a impregnação das imagens, a unidade de tom, o sadismo e o masoquismo intellectual, o narcisismo, o altismo, o auto-referimento, a ambivalencia, a perseveração verbal e ideativa, a tendencia zoomorphica das imagens, a tendencia explicativa, o amor á minucia e á divagação, a incapacidade de synthese, revelando-se por um curioso phenomeno de compensação na paixão obcessiva da analyse. «E' que, sob as ruínas interiores do Machado, velho e doente, a molestia implacavel solapava o espirito e o caracter do escriptor, accentuando-lhe os traços fundamentais da gliscroidia». A conclusão do critico é esta: Machado de Assis leptosomico um tanto displasico, era um temperamento complexo e singular em que duas componentes se misturavam — a componente schizoide e a componente gliscroidia — resultando da fusão de ambas a somma de qualidades e defeitos que constituíram o genio desse taciturno espectador da vida, revela a colaboração de multiplas obscuras e complexas influencias.»

O diagnostico deve estar certo.

Tudo mostra no livro do sr. Peregrino Junior que elle se documentou bem. Ouviu a respeito de Machado de Assis os depoimentos mais autorizados, leu tudo quanto até agora, se tem escripto sobre o admiravel escriptor e percorreu, cuidadosamente, todos os seus livros. Machado de Assis, que era todo recato e mysterio, foi posto diante de nós como a alma desnudada como um cadaver num amphiteatro de medicina. Não sei o que elle pensará lá no outro mundo, dessa obra de curiosidade que o excesso de amor dictou ao sr. Peregrino Junior. Porque o sr. Peregrino Junior o ama de um grande e profundo amor. O amor de quem o considera o maior escriptor brasileiro de todos os tempos.

Receio porem, que ao se encontrarem nos Campos Elyseus, o que espero só se se dê daqui a muitos annos, Machado trata o sr. Peregrino Junior com a mesma rispidez com que afastou de si o prof. Dias de Barros quando, ao voltar de um ataque epileptico, o surpreendeu á sua cabeceira, prodigalizando-lhe os mais carinhosos cuidados clinicos ou então, com aquella brutalidade com que se portou neste episodio: «Apresentado certa vez um amigo commum á atriz Ismenia dos Santos esta, surpreendida de vel-o conversar com grande fluencia, confessou, com uma franqueza grosseira e chocante, o seu espanto.

— Ora, veja, sr. Machado. Tinham-me dito que o sr. era tão gago e, entretanto, fala até muito bem!

Elle, que era sempre tão polido e discreto, respondeu immediatamente, num tom irritado e sarcástico:

— Calumnias, minha senhora, calumnias. A mim tambem me disseram que a sra. era muito estúpida, e eu vejo que não é tanto assim!»

Dos admiradores de Machado suspeito, igualmente, que nem todos reconhecerão no meticoloso trabalho do sr. Peregrino Junior uma demonstração de amor ao mais empolgante dos psychologos que as lettras brasileiras ainda possuiram.

Pensarão muitos que o conhecimento tão intimo do homem em nada virá augmentar o deleite que a leitura dos seus livros provoca. Poderá, quando muito, produzir o effeito opposto... Responderá o sr. Peregrino Junior que não se póde separar a vida do escriptor da obra que elle deixou e que, para bem se penetrar nesta, necessario é conhecer bem aquella. Mas acudirão de novo, os admiradores intransigentes, melhor é, quando se admira alguém, não entrar muito na sua intimidade. As entradas pela alma e pela vida dos grandes escriptores, trazem, sempre alguma decepção, e esta influe, mais ou menos, diminuindo-os ou azedando-se no prazer que a leitura das suas obras costuma provocar. Melhor não seria, por exemplo, para os que se deliciasam com os seus escriptos, ignorar que Voltaire viveu amasiado com a sobrinha e que Victor Hugo acompanhava os netinhos nos parques de Paris, para beliscar as nadegas das suas pagens?

Por mim não participo desse debate. As miserias dos grandes escriptores, suas fraquezas e seus vicios, suas doenças e seus defeitos physicos não alteram o prazer que a leitura dos seus livros me proporciona. A musica envolvente de Verlaine não perdeu a harmonia para mim depois que François Porché contou do pobre Elian as coisas mais tristes que cruamente contou. Proust continua a ser, a meus olhos, o mesmo romancista de fulgurações geniaes, comquanto quasi sempre fatigante, mesmo depois que tive noticia de que, na sua vaidade imensa, tomou, certa vez, de um estudo, que sobre um admirador escreveu, remodelou-o e de tantos elogios a si mesmo o recheiou, que não encontrou jornal ou revista, que se atrevesse a publicá-lo. Dizia Montaigne que amava Paris ternamente — até nas suas verrugas e nas suas nodoas. Assim costume eu amar os escriptores que me conquistam. O trabalho do sr. Peregrino Junior fez-me addicionar ao amor que voto a Machado de Assis um pouco mais de ternura e uma boa dóse de piedade. Contribuiu, portanto, para augmental-o, enriquecendo-o de elementos novos. Esse trabalho forçou-me a querer, ainda mais, ao artista maravilhoso que soube fazer do seu soffrimento, continuo e martyrisante, uma serie de obras primas.

Bem apuradas as coisas, o livro do sr. Peregrino Junior é mesmo uma demonstração de amor: obriga o leitor exigente a perdoar alguns defeitos do escriptor e a reconhecer que houve nelle, de fato, a mais singular e impressiva conjuncção de contrastes dolorosos. A doença não explica o seu genio, mas esclarece algumas das manifestações desse

genio. E' indiscutivel, e isso resae em alto relevo do livro do sr. Peregrino Junior, que o «morbus sacer» influuiu decisivamente na sua obra, no seu temperamento e na sua vida. Outros, antes do sr. Peregrino Junior, já haviam assinalado essa circumstancia. Nenhum, porém, levou a demonstração tão longe como elle. O seu livro constitue, na verdade, um «roteiro de Machado de Assis». Com elle e por via delle se penetra, resolutamente, na vida e na obra do escriptor. Os elementos de estudo, que reuniu e concentrou, autorizam o sr. Peregrino Junior a escrever, sem exaggero, esta observação que remata o seu substancioso ensaio clinico-litterario: «Aquella perversidade geral, uma audacia intima que, receiosa de transparecer, desfaz-se em cynismo e hypocrisia», aquelle «salto vertiginoso de semi loucura», «aquella desconfiança de si mesmo que por vezes o fazia parecer implicant e orgulhoso», a preocupação de deslocar para as personagens femininas os seus dramas e os seus problemas pessoases, a ironia que tanta vez chegava a ser aggressiva e que era uma simples evasão da sua introversão e do seu complexo de inferioridade — tudo isso são os elementos com que podemos hoje recompôr de Machado de Assis a imagem torturada e complexa, difficil e obscura do gliscroide que foi tambem schizoide».

Numa terra de gente derramada, para usar de uma expressão cara a Machado de Assis, numa terra de gente frivola e superficial, uma personagem de tanta complexidade psychologica, fechada e distante, como foi o incomparavel escriptor, é natural que desafie a curiosidade dos homens de estudos e provoque trabalhos da natureza do que o sr. Peregrino Junior escreveu. Essa complexidade psychologica é tão grande que, vindo após tantos outros, a quem o mysterio daquella alma seduziu e a singularidade da obra encantou, o sr. Peregrino Junior teve geito de rasgar novas perspectivas e de aprofundar as que já encontrou rasgadas na solidão empolgante daquelle espirito, sem par nas lettras brasileiras.

PLINIO BARRETO.

(Transcripto d'O Estado de S. Paulo).

Acaba de Aparecer:

A MÃO E SEUS SEGREDOS

de ARUS SAB

3.^a Edição

ARIEL

INICIAÇÃO

O major chamara-nos ao tribunal domestico. Havia apparecido, morta, uma gallinha, escondida no quintal, sob folhas, por traz duma capoeira de queijos abandonada; e a negra Benta, de pé, ao lado, exhibia o corpo de delicto.

Ritinha, meúda e preta, com duas trancinhas duras como arame, amarradas, muito hirtas, com trapos vermelhos, julgou salvadora essa explicação:

— Seu major. Essa gallinha foi sempre assim!

Nesses momentos de inquirição, Ritinha julgava-se sempre profundamente infeliz. Também á hora do banho, no tanque, si a negra Benta surgia para a esfregação furiosa dos ouvidos e o assôar tyrannico das ventas, a pretinha, minha amiga, enchia-se de um grande scepticismo sobre a bondade e o convívio humano. O jardineiro, velho manco, a podar roseiras monologando, merecia-lhe distancias cautelosas, principalmente quanto ás fruteiras. — Elle gostava muito de inventar cousas «sobre as pessoas».

As pessoas eramos nós tres, que ali estavamos, ante vovô: Ritinha, de olhos muito abertos; Pedro, que acompanhava murchamente, com o pé empoeirado, as quebraduras do ladrilho; e eu, que não sabia nada, muito bomzinho.

A zanga explodiu, com as mesmas promessas: o meu internamento nos padres, com Pedro, e o juramento solenne (— «Pela ultima vez!») de nunca mais Ritinha ser salva das mãos punidoras da negra Benta.

Para estas horas ella só tinha um mesmo choro, meudinho, com fungações bruscas, as lagrimas descendo. Fui com Pedro para o porão, onde havia um colchão velho, dobrado em dois, junto á parede. Adeante, nas sombras, armarios vassios, garrafas atiradas, a cabeceira desirmanada de uma cama. Uma bacia de flandres guardava livros e papéis amarellados. Entre os barrotes, arames para seccadouro em dias chuvosos. Sobre as cousas, um silencio falso; e sombras esborcinantes eram furadas em luz, pelas frinchas das taboas do piso, onde se ouviam os passos da gente andando, em cima. Uns oculos gradeados abriam-se distancia a distancia.

Mas a porta estava sempre fechada. A gente entrava insinuando-se por um oculo de grade roida de ferrugem. Mettiam-se primeiro os pés, as mãos seguras nos varões; escorregava-se sobre os rins e tacteava-se, em baixo, um caixote. E' que, no fundo, o plano do porão era mais baixo que o quintal; mas na frente, onde havia a porta aferrolhada, nivelava com o jardim.

Saltei. Os pés sujos de Pedro apon-taram; o joelho, as calças; achou o caixote e veio também. No primeiro instante não se via bem. Só depois é que a sombra devolvia o vulto dos armarios, dos pilares caiados, das grossas paredes. Nós, assim que descobrimos a grade quebrada, não nos largavamos do porão. Mas depois, cansámos. Agora, só mesmo nos dias de chuva era bom ficar ali, ouvindo a agua escorrer, daquelle escuro quieto. Na parede sempre havia uma taruira branca, com o

papo latejando, espiando moscas. Vimol-a, uma vez, caçar uma aranha: a bichinha desceu balançando, soltando um fio de prata. Chegou ao muro, pousou. A taruira, da sombra, riscou sobre ella. Só teve tempo de mexer as pernas, com o corpo já engulido.

Ritinha sentia nojo de taruiras brancas. Sentámos no colchão. Depois, no buraco, a carinha de mico da companheira nos espiou. Virou-se de costas e metteu os pés para descer.

Era sempre assim, atraz de nós. Não a chamavamos, mas consentiamos. E mesmo em certas «brincadeiras de menino» tentava seguir-nos, escravamente. Deu mesmo, um dia, a sua bruxa, para tiro ao alvo ás pedradas. A boneca ficou com o corpo desfeito e, da cabeça, rasgada, desdobrou-se um trapo de casemira. Ritinha viu a morte da filha, com um heroismo frouxo; mas precisava reconquistar-nos. Ella tinha chorado quando lhe segurámos o pé descalço num carreiro de formiguinha fogo. Sua manha soluçada chamou o jardineiro e vovô veio a saber.

Quiz fazer o enterro da boneca. Pedro disse que era cousa de menina, isso de enterro de bruxas; e eu, infiel, não a segui.

Ella o fez sozinha, cavando a terra com uma telha quebrada, e quasi encontrou consolo nesse trabalho. Enterrou, no montinho, uma cruz de gravetos. Mais tarde o gato appareceu brincando com os trapos, e correu, com elles na bocca, pelo muro.

Ritinha viu-o com os olhos seccos. Suas perninhas eram curtas e magras para alcançal-o. Suas mãos, de unhas sujas, fracas para vingarem a maldade de Pedro.

Mas certo que ella nem pensou nisso, naquella primeira vez em que encontrou a morte.

Agora estavamos ali. O porão cheio de sombras recebia-nos como tres outras cousas a guardar. Não nos suggeria nada: só um silencio, sentados no colchão, com os olhos vagos.

A gallinha morrerá. Nós, depois de negar e em seguida á reprehensão, já nos iam convencendo aos poucos da propria innocencia.

Por cima das nossas cabeças, nas taboas, os passos do pessoal indo e vindo.

De outra vez, mais tarde, tornámos a nos reunir no porão, por causa da morte.

Por vovô, desta vez, sentimos mesmo que era a morte. As tias, em cima, choravam. Na vespera, a casa enchera-se e, pela noite a dentro, homens velaram na sala, conversando surdo. A negra Benta fazia café, mas não passava da porta da sala. Elles ficaram até o amanhecer, pelo corredor, na varanda. Uns dormiram em divans, outros permaneceram vigiis. As tias revezavam-se, de olhos inchados, pedindo as cousas baixinho.

Nós nos recolhemos cedo, mas não dormimos sempre. No quarto havia chapéus e capotes de visitas, que a negra Benta ia apanhar, quando se retiravam. Por vezes enganava-se — e elles proprios vinham indicar. Agradeciam sem sorrir. Casa de defunto.

Manhãzinha o corpo sahiu e as tias

ficaram á janella, mordendo lenços. Depois, vagando pela casa, achamol-a enorme e incompleta. Parecia que a eça sempre estivera na sala; agora deixara um vacuo e o cheiro de flores pisadas, mais o de cera de vela queimando. Cadeiras fora do logar suggeriam, vazias, a disposição dos grupos da noite. A mesa, para o caixão, fora levada; mas petalas desfeitas e flores cahidas circumdavam no chão o rectangulo com-prido. E, no ar, o cheiro acre...

Dum quarto, vinham soluços.

Era o primeiro encontro attento com a morte e, nas pessoas, não a comprehendiamos bem. Com a gallinha era outra cousa. Com o pé de tinhorão que murchara, também. Sobre estas, tinhamos a idéa imprecisa de *cousas fora da gente*, o que nos deixava em indifferença: si o tinhorão murchara, ampara-se com páus pequenos e procura-se ver si é da raiz; ás vezes não se encontra nada e morre engelhado. Fica no caminho, com barro pegado nas radículas, junto da gramma tosada, até varrerem.

Com vovô, não. O berro com Benta, a pyjama de velludo, o pigarro, o respeito eram, para nós, cousas vivas e consideraveis que se iam. Nossa experiencia era insufficiente para esse grande mysterio. Encolhidos no porão, os tres, pensavamos gravemente nas razões de vovô para morrer e deixar as tias de olhos vermelhos. Ritinha concluiu que a morte era uma tristeza que fazia ficar bambo. Lembrava a gallinha e o tinhorão. Mas, com as pessoas, consentiu que fosse differente.

Qualquer cousa de vago se insinuava em nós, para a definição, e que era a idéa imprecisa do definitivo e do grande. Mas não alcançavamos o segredo fugidio, ao indagar a causa e o destino. Sabiamos de fantasmas, de historias de assombração; mas não concebiamos ir ser duende, um avô que era nosso.

Quando perguntámos á Benta, ella nos mandou brincar. Mas explicou, por invocarmos, que com vovô se dera o mesmo que com a gallinha e o tinhorão murcho. Só que a alma delle subira.

Era então tudo a mesma cousa? Não. Aquella invasão de amigos a pisar surdo, a falta do major, o pranto, a cerimonia funebre, tudo deformava a morte do velho com a emoção, engrandecendo-a ante as folhas que penderam sem seiva e a ave domestica, molle e cahida, que Benta depenava.

Matámos outra gallinha e levámos para o porão. Iamos investigar. Com uma faca, abrimol-a pelo peito, ás pressas para surprehender a alma, antes do coração parar. Vagamente eu a esperava branca e redonda, nem sei porque. Mas vimos sómente visceras incomprehendidas e sangue rubro.

Talvez a alma se escapasse, sem a gente ver. Talvez gallinhas não a tivessem.

Ritinha achava que só avô — e sentiu, pela gallinha vivisectada, uma pena de mãe.

De todo modo, em breve cansámos de inquirir a morte. As tias desarmavam os moveis para a mudança. Iamos para um outro bairro.

Benta depennava.

CLOVIS RAMALHETE.

Cinema

O Demonio da Algeria (Pepe, le Moko) — Um film de Duvivier — Paris Film Production. — Todas as cidades do mundo tem o seu bairro mal afeito. Londres tem o «Soho», Paris tem Montmartre, New-York tem a Boverly.

Para esses bairros a cidade envergonhada atira o seu «underworld».

Nem sempre, mas quasi sempre é o crime que fornece elementos para essa aglomeração de reprobos.

A miseria, proxima parente do crime, faz-lhe respeitavel concorrência.

Verdade tambem é que o vicio impõe sua influencia mesmo entre os elementos são da sociedade.

E as forças de defeza do organismo são quasi sempre impotentes, incapazes de impedir a calamidade.

Como uma formação neoplasica o vicio mina, desorganiza, solapa irremediavelmente as forças de resistencia do grupo.

A «Casbah» é o bairro tenebroso de Alger.

A Casbah recebe o refugio de todos os cantos do mundo. Evadidos da policia franceza levam de homens do continente negro; chinezes, arabes, gregos, polacos.

A mendicancia falsa e verdadeira, uma indolencia inconcebivel em outros climas, uma vagabundagem molenga e recostada encontram ahi o seu ambiente proprio. E como corollario de tanta miseria junta, como se tanta miseria junta não bastasse, uma prostituição sordida completa o aniquilamento moral e physico desses pobres peccadores.

A cavalleiro do porto, dividida em degrãos, serpeada de viellas sujas como outras tantas vallas, por onde escorre lama e gente, tal é a Casbah.

Os telhados são terraços por onde as habitações se communicam.

Procurar um homem num lugar de traçado tão caprichoso e intrincado é procurar agulha em palheiro.

Na Casbah foi que Pepe, le Moko, escolheu o seu paraizo. Sua valentia pessoal, sua temeridade, sua astucia criaram-lhe uma aureola entre esses admiradores de qualidades negativas.

Jamais conseguiu a policia pôr-lhe a mão em cima.

Um grupo de turistas «blasés», cansados de mirar todas as perspectivas, resolve um dia visitar a Casbah.

Acompanha-os Slimane, inspector da policia local, melifluo, astuto hypocrita, conhecedor profundo de todos os mysterios da Casbah.

E a paixão por Gaby, noiva ou amante de um dos turistas, e que num arroubo de amor, de curiosidade, de fascinação pelo desconhecido, pelo extranho, se entrega a Pepe, perde-o irremediavelmente.

Aquella ferocidade, aquella bravura, aquella valentia sem finalidade, aquella tédio de besta perseguida, impellem-no para fóra da Casbah e para a morte.

O film foi bastante feliz como documentario e como estudo de alma pri-

maria, joguete de paixões elementares, cegamente submissa aos impulsos de morte.

O ambiente foi perfeitamente dominado, não deixando duvida de que a pellicula foi creada numa atmosphera verdadeira, sem nada de postiço, de convencional.

Argelia (Algiers) — Direcção de John Cromwell — United Artists. — Versão americana de «Pepe, le Moko». Precioso para cotejo entre as maneiras franceza e americana de tratar o mesmo assumpto.

Do ponto de vista policial, aquelle geito brutal de agir de policia para «gangsters», em que o cerebro trabalha pouco, em que a «machine-gun» é sempre a «ultima ratio».

Uma Casbah de fancaria, falsa, meridicamente falsa, como aquelle Paris que os apaches inventam para os visitantes de Montmartre.

Boyer é tão Pepe como foi Napoleão em «Madame Walewska».

De vez em quando um bom angulo adverte-nos da presença do director John Cromwell.

Acaba de apparecer:

A Vida de Napoleão

contada pelos livros
DE
DONATELLO GRIECO

Preço 6\$000

Editora S. A. A NOITE

Praça Mauá, 7

RIO DE JANEIRO

«Ouvindo Estrellas» — Com La Jana, Ernst Fritz, Revista filmada. — Numeros, numeros, numeros isolados sem se ligarem em obra de conjunto.

Obra para offuscar os olhos, apenas os olhos, sem sentido espiritual.

Photographia quasi sempre boa, de uma limpeza, de uma nitidez notaveis.

Em algumas passagens, a produção de um film, suas successivas operações, a importancia do director, a compararia, a vida do studio, ficam bem documentados. Dedicção militar, muito germanica, de quem prefere a profissão á mulher amada, encarnam-se no protagonista do film.

Mas tudo isto são cellulas independentes, vivendo sua vida, sem formar colonia.

Miss Broadway — 20th Century Fox — Com Shirley Temple, George Murphy e Edna May Oliver. — A imunização contra Shirley Temple está quasi completa.

A pobre menina, incontestavelmente um raro elemento humano, está sendo conduzida por um caminho lamentavel.

Shirley Temple não tem feito mais, nesses ultimos tempos, do que mostrar habilidades, sempre as mesmas, as mesmas habilidades: cantar, sapatear, dansar.

O thema escolhido para as suas produções é sempre o mesmo: o elemento conciliador — o poder moderador — entre duas facções, entre duas forças em conflicto.

Aqui é o imperio inglez ás voltas com o espirito de revolta dos indús. Alli é uma velha avarenta em luta com o sobrinho liberal, generoso de mais.

Muitas vezes a estrelinha tem actualiação inferior á de suas comparsas.

O film de Shirley representa a volta a uma epoca já passada na historia do cinema: a epoca das «vedettes». No centro um sol, em torno do qual gravitam planetas, obrigatoriamente planetas.

Shirley Temple nunca appareceu em nada verdadeiramente extraordinario.

Sua figurinha em extremo sympathica não passará, constituirá sempre a melhor das recordações, mas não ficará ligada a nenhuma grande produção.

O mesmo não succedeu a Jackie Coogan, que está eternamente vinculado á lembrança de «The Kid» de Chaplin.

Do mesmo modo, toda a «gang» de Chico Braz e seus companheiros jamais será esquecida.

Aquella serie notavel de comedias de pequena metragem é inolvidavel.

Freddie Bartholomew é outro caso de menino admiravel. «Menino de Qualidade», «Marujo Intrepido», ficarão.

«Miss Broadway» não tem por onde se lhe pegue. Mediocre, mediocre, mediocre.

As canções... mas as canções, as dansas, interessantes em si mesmas, sempre deliciosas em si mesmas, deixam a obra de cinema á margem, em plano secundario, fóra de evidencia.

Salva-se apenas a «performance», sempre digna de reparo de Edna May Oliver, «a Mrs. Wendling».

AURELIO GOMES DE OLIVEIRA.

Memento Bibliographico

O Boletim de Ariel pede aos srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possível.

- Aluizio Azevedo — LIVRO DE UMA SOGRA — Volume XII das Obras Completas — Edição da Livraria F. Briguiet — Rio de Janeiro.
- Aluizio Azevedo — O TOURO NEGRO — Volume XIV das Obras Completas — Edição da Livraria F. Briguiet — Rio de Janeiro.
- Vicente Licínio Cardoso — A' MARGEM DA HISTORIA DO BRASIL — Livro posthumo — 2a. edição — Serie «Brasiliana» — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- Ernesto Ennes — AS GUERRAS DOS PALMARES (Subsidios para a sua historia) — Domingos Jorge Velho e a «Troya Negra» — 1687-1700 — Prefacio de Affonso d'E. Taunay — Serie «Brasiliana» — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- Donatello Grieco — A VIDA DE NAPOLEÃO CONTADA PELOS LIVROS — Estudos bibliographicos — Editora S. A. A Noite — Rio de Janeiro.
- Almirante Custodio José de Mello — O GOVERNO PROVISORIO E A REVOLUÇÃO DE 1893 — 1.º Volume, em 2 tomos — Serie «Brasiliana» — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- Heitor Lyra — HISTORIA DE DOM PEDRO II — Volume

- 1.º — Ascensão — 1820-1870 — Serie «Brasiliana» — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- Gustavo Barroso — HISTORIA SECRETA DO BRASIL — Terceira parte: Da maioridade de D. Pedro II á Republica — Civilização Brasileira S. A. Editora — Rio de Janeiro.
- Mario Souto Mayor — MEUS POEMAS DIFFERENTES — Geração, editora — Recife.
- Floy Pontes — A VIDA DRAMATICA DE EUCLYDES DA CUNHA — Edição illustrada — Collecção «Documentos Brasileiros» — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro.
- Adelino Ricciardi — TRAILERS — Instantaneos da vida de rua — São Paulo.
- POETAS CONTEMPORANEOS — Versos de Alfredo de Assumpção, Arnaldo Damasceno Vieira, C. Paula Barros, Henrique Oricuoli, J. Ramalho, Jacques Raymundo, Laurindo de Britto, Mario Linhares, Miguel C. de Souza Filho, Modesto de Abreu, Othon Costa, Telles de Meirelles, Venturelli Sobrinho e Waldomiro F. Ferreira — Rio de Janeiro.
- Alberto Rebello d'Almeida — MENESTREL — Versos — Lisboa.
- Padre Dr. Serafim Leite S. I. — HISTORIA DA COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL — Tomo II — Lisboa.
- PEQUENO DICCIONARIO BRASILEIRO DA LINGUA PORTUGUEZA — Por um grupo de philologos — Civilização Brasileira Editora — Rio de Janeiro.
- Newton Sampaio — IRMANDADE — Contos — 1.º Premio da Academia Brasileira de Letras — Rio de Janeiro.

A TUNICA INCONSUTIL

POEMAS DE JORGE DE LIMA

Já que a certeza da Paz voltou a sorrir ao coração apprehensivo dos homens — por quanto tempo, não sei, e melhor é não sabel-o... — já que é possível esquecer, embora de momento, as ameaças de carnificina e dôr ainda hontem pairantes, falemos hoje mais uma vez de poesia e poetas. Uma oportunidade excepcional se nos offerece para isso, pois Jorge de Lima, o grande poeta brasileiro, envia-nos o seu ultimo livro *A Tunica Inconsutil*, em cujas paginas a emoção e a inspiração ascendem a vertiginosas alturas de belleza.

Jorge de Lima pode considerar-se, e todos o consideram, um escriptor justamente celebre, um verdadeiro «consagrado». Todavia, não cessa de procurar ineditos rumos e rythmos para o lyrismo borbulhante, quasi torrencial, que lhe jorra da alma e se ergue em prece, em oração de religioso fervor para Deus e para a vida. Se começou pelo mais estricto e severo parnasianismo, breve abandonou a estrada trilhadissima. A cada passo quiz e encontrou sendas mais vastas, perspectivas menos conhecidas, horizontes mais desafogados. Edison Lins cita a seu respeito, acceitando-a, esta opinião elogiosa do sr. Estevão Cruz: — «personalidade irrequieta e ávida de renovação, segue um caminho atordoante e difficil de acompanhar e fixar em escola ou grupo litterario». E' assim mesmo. Jorge de Lima não se fixou em nenhuma escola ou grupo litterario, não se deixou prender em nenhum «collete de forças» de qualquer estreito criterio de arte. Desembaraçou-se de todos, até daquelles que voluntariamente parecia ter escolhido. Um critico chamou-lhe versatil, inconstante e illogico. Explicou logo, porém: — «fecunda versatilidade, providencial illogismo, sagrada inconstancia». A versatilidade, o illogismo, a in-

constancia de quantos ambicionam sempre a conquista de maior perfeição, de quantos não se detêm nas costas suaves, mas buscam soffregamente os pincaros mergulhados no ceu, e temperam a sua energia ansiosa dominando e ultrapassando as planicies commodas, onde a monotona doçura de viver adormece os mais vehementes impulsos.

Aliás, Jorge de Lima se definiu a si proprio, e á sua propria poesia, quando affirmou numa conferencia que provocou ruido: — «é insanía, é ignorancia completa querer edificar poesia, ou querer fazer dimanar a poesia de qualquer plano ou theoria que tente dissociar acção para o extra-terreno, que intente abafar a tendencia universal, a ansia de Absoluto que no relampago da vida quer alcançar a eternidade, que a antecedeu e succedera a esse relampago». Esta especie de proclamação dos direitos da poesia, vemol-a posta em pratica nos poemas da *Tunica Inconsutil*, poemas de religioso appello ao Divino, e, no entanto, nunca divorciados, em sua intima essencia, dos sonhos, extases e sensualidades da terra. Jorge de Lima, poeta catholico, não mente ao sentido exacto e profundo deste qualificativo. E' um devoto do Absoluto, abrindo vôo a todo o instante para as invisiveis regiões supra-terrenas, mas sacudindo sempre no ar o pó, luminoso ou baço da sua ganga, do seu envolver humano.

Eis que o poeta surprehe a Unidade [primeira, agindo e reagindo na infinita diversidade e vê em torno do fogo eterno emanado [de Deus a carcassa dos mares, rios, montes, lagos, [ossos e de cemiterios que se levantarão no [ultimo dia

exclamará no poema inicial de *A Tunica Inconsutil*. E, de facto, elle vê tudo através dos clarões do «fogo eterno emanado de Deus», e por isso gritará aos «poetas amados», no *Novo Poema do Mar*:

«E mostremos aos homens servis, ó poetas amados, os valles do mar, os profundos valles [do mar, onde os naufragos, os suicidas, os afogados dormem, onde as ancoras há seculos repousam, onde descansam os aviadores desaparecidos, e onde ha columnas partidas e estatuas [mutiladas das cidades que afundaram no mar. Se ides á praia banhar-vos, cuidado! que vós perturbaes quem dorme no mar.»

O sentido universal e cosmico do pensamento ou, se preferem, do sentir de Jorge de Lima, leva-o a tornar poesia, lyrismo intenso e communicativo, os assumptos mais oppostos e porventura menos poeticos. Mas o poeta «surprehe a unidade primeira» e colheu-a, plasmou-a, interpretou-a nos templos e nos anjos, na materia e no espirito, no acontecimento que passou e no desejo ou no anelo que não morre. Attinge accentos de epopeia a sua arte, precisamente porque ella não se limita a faceis themas de lyrismo: — Abrange a existencia inteira na sua aspiração multiforme e jamais satisfeita. Arte de grande poeta, de poeta de genio, um dos maiores, sem duvida, da litteratura brasileira e da poesia da America senão da poesia do mundo.

JOAO DE BARROS.

(Transcripto do «Primeiro de Janeiro», do Porto, de 11-10-1938).

SEQUANA

O MELHOR LIVRO
FRANCEZ DO MEZ

Temos o prazer de anunciar aos nossos leitores que a ARIEL EDITORA LTDA. se tornou representante exclusiva, para todo o Brasil, dessa importante sociedade francesa de edições, de renome universal, SEQUANA.

COMITE' SEQUANA

O Comité Sequana de Paris está constituído por Henry Bordeaux, Joseph Bédier, Paul Valéry, André Champeix, Pierre Benoit, François Mauriac, Abel Bonnard, Léon Berard, Edmond Jaloux, Pol Neveux, Fortunat Strowsky, Tristan Derème, Pierre Lyautey, Henri Massis, André Maurois, Jean-Louis Vaudoyer e Georges Duhamel.

No Brasil o Comité de Honra de Sequana conta com a presidencia de Sua Excellencia o Senhor Marques Lefèvre d'Ormesson, Embaixador de França no Brasil.

E os membros desse Comité são: Annibal Falcão, redactor-chefe d'*O Economista*, director da *Revue Française du Bresil*; Elmano Cardim, Director do *Jornal do Commercio*; Herbert Moses, Presidente da Associação Brasileira de Imprensa; Miguel Osorio de Almeida, da Academia Brasileira de Lettras, ex-reitor da Universidade do Districto Federal; Raul David de Sanson, medico; Rodrigo Octavio Filho, homem de lettras, advogado; Senhoras Anna Amelia Carneiro de Mendonça, poetiza, directora da Casa do Estudante do Brasil; Branca Fialho, escriptora; Lucia Miguel Pereira; Lucia Magalhães, inspectora do ensino secundario; Maria Eugenia Celso, poetiza e escriptora; Maria Velloso, escriptora, professora de francez por concurso no Instituto de Educação; Rachel Boher, directora da Bibliotheca Circulante do Rio de Janeiro.

CONDIÇÕES GERAES DE ASSIGNATURAS

As assignaturas são pagas no acto da subscrição

Só são validas as assignaturas INTEIRAMENTE PAGAS:

a) directamente na Séde da Sociedade: Rua Sete de Setembro n.º 162-1.º and., — Rio de Janeiro. b) por cheques, ordens de pagamento, vales postaes, etc., endereçados a ARIEL, EDITORA LTDA. c) CONTRA NOSSOS RECIBOS, em mãos de nossos cobradores, agentes ou correspondentes, devidamente autorizados por escripto por nós.

A assignatura dá direito a receber UM LIVRO POR MEZ, durante 12 mezes seguidos, a partir do mez seguinte ao da assignatura, e nas condições indicadas para cada caso: A, B, C, ou D.

As assignaturas cujos pagamentos forem feitos antes do dia 20 de cada mez, começarão no mez immediato.

Os livros são enviados pelo correio, cuidadosamente acondicionados, ou re-

mettidos, aos endereços indicados pelos assignantes nos seus coupons de assignatura.

Nossos assignantes poderão fazer enviar seus livros ao nosso escriptorio, onde nós os conservaremos á sua disposição.

Em caso de mudança de endereço, avisar POR CARTA REGISTRADA, antes do dia 20 do mez anterior á mudança.

ABONNEMENT A

Tarif N.º 1

Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée. — Tirage spécial.

BROCHE', sous couverture papier Japon deux couleurs.

Rs. 160\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

ABONNEMENT B

Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée — Tirage spécial.

RELIE' plein cuir, véritable basane fine rouge, tête et tranches jaspées, titre et fers spéciaux à l'or, tranche-fil et signet soie.

Rs. 300\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

Tarif N.º 1

ABONNEMENT C

Collection de BIBLIOPHILE

IMPRIME' sur le véritable papier de chiffon de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression DE LUXE. Tirage spécial.

RELIE' CUIR LUXE, larges plats. X— Entièrement fait à la main. — Tête et fers spéciaux à l'or. — Couleur: fauve, bleu ou rouge (au choix).

Rs. 380\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

ABONNEMENT D

Collection de BIBLIOPHILE

IMPRIME' sur le véritable papier de chiffon de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression DE LUXE. Tirage spécial.

RELIE' GRAND LUXE, chagrin fin poli, avec bande, plats toile fine; tête, titre et fers spécial à l'or. Couleur: fauve, bleu, rouge, vert ou gris (au choix).

Rs. 500\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

BULLETIN D'ABONNEMENT

A remplir avec soin et à envoyer par la poste à :

ARIEL, EDITORA LTDA. — Senador Dantas, 40 - 5.º and. — RIO DE JANEIRO

Je soussigné (NOM).....

ADRESSE.....

VILLE.....ETAT.....

declare souscrire à.....abonnement..... SEQUANA

(Barrer les indications inutiles)

A à 160\$000 broché C à 380\$000 relié cuir luxe fauve, bleu rouge

B à 300\$000 relié plein cuir D à 500\$000 relié grand luxe fauve, bleu, rouge, vert, gris.

aux conditions du tarif SEQUANA N. 1 ci-joint.

Adresse pour l'envoi des livres.....

Je vous envoie ci-joint par cheque, par mandat-postal, par lettre chargée,

p. porteur, la somme de.....\$.....montant de.....abonnement.....

Signature.....

SERVIÇO DE REEMBOLSO

NO INTUITO DE BEM SERVIR AOS SEUS LEITORES, *BOLETIM DE ARIEL* TEM ORGANIZADO UM INTERESSANTE SERVIÇO DE FORNECIMENTO DE LIVROS PELO SYSTEMA DE ENTREGA DA ENCOMMENDA CONTRA REEMBOLSO.

DAMOS A SEGUIR AOS NOSSOS LEITORES OS ESCLARECIMENTOS NECESSARIOS PARA QUE POSSAM SE UTILIZAR DESSE VANTAJOSO E PRATICO SYSTEMA.

- A — O fornecimento de livros será feito para qualquer localidade do Paiz desde que esta possua o serviço de «vales postaes» em sua Agencia do Correio.
- B — Os livros serão remetidos em qualquer quantidade.
- C — As encomendas poderão ser feitas pelos meios usuaes: carta, telegramma ou por um simples cartão postal, sendo indispensavel apenas que tanto o titulo das obras como o nome e endereço do destinatario sejam escriptos com a maxima clareza.
- D — No acto da encomenda V. S. não precisará remetter-nos importancia alguma. Feita por nós a remessa de sua encomenda, V. S. receberá da Agencia do Correio de sua localidade o aviso da chegada, bastando então que compareça á mesma onde receberá os livros mediante o pamento da respectiva importancia.
- E — Os livros serão fornecidos pelos preços de capa, sem augmento de especie alguma.
- F — Todas as despesas de embalagem, porte e registo correrão por nossa conta, ficando apenas a cargo do destinatario despesas referentes ao «Serviço de Reembolso» que são minimas. Nas encomendas, entretanto, superiores a Rs. 30\$000, até mesmo estas ultimas despesas correrão por nossa conta.
- G — Afim de que V. S. possa conferir a exactidão da importancia a ser paga ao Correio, seguirá sempre com a encomenda uma factura detalhada onde serão especificados os titulos e preços de cada obra.
- H — Dado o enorme vulto de encomendas que recebemos constantemente de nossos leitores e assignantes, é indispensavel, para o bom andamento de nosso serviço, que V. S. esdique em seu pedido que a remessa deverá ser feita pelo «Serviço de Reembolso». Para maior facilidade, damos abaixo um coupon que poderá ser utilizado em taes casos:

Á ARIEL EDITORA, LTDA.

Rua Senador Dantas, 40-5.º andar — RIO DE JANEIRO

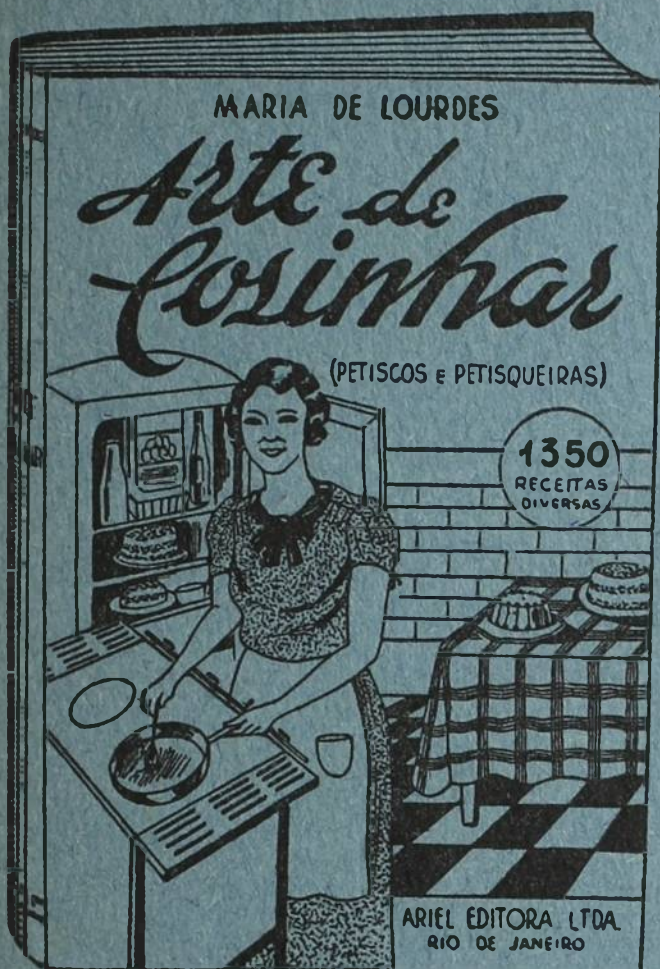
Pelo SERVIÇO POSTAL DE REEMBOLSO queiram enviar-me os seguintes livros:

.....
.....
.....
.....
.....

(Nome e endereço completo, bem legiveis)

.....
.....
.....

O mais completo Livro de Cosinha



EXMAS. SNRAS.

Ampliae os vossos conhecimentos adquirindo este precioso livro.

Diferente de todos os outros, pela sua forma pratica em descrever os conteúdos das receitas, e a sua manipulação.

Mil trezentas e cincoenta

:: :: receitas diversas :: ::

CLARAS

SIMPLES

EFFICIENTES

Cem diversas receitas para Dieteticos e especiaes pratos nortistas

A arte de cosinhar complexa nas suas variadas formas, foi estudada por D. Maria de Lourdes Costa, professora, diplomada em arte culinaria, que desejando contribuir para engrandecer os conhecimentos das Snras. donas de casa neste «metier», apresenta o livro de cosinha de sua autoria contendo 1354 receitas diversas, experimentadas, para a manipulação do seguinte:

Hors d'oeuvres	Ovos	Bolos
Canapés	Legumes	Tortas
Sandwiches	Massas	Pudings
Môlhos	Licores	Molhos para pudings
Sopas		Cremes
	Refrescos	Molhos para cremes
Peixes	Sundays	
Mariscos	Sorvetes	Docinhos diversos
Crustaceos	Aperitivos	Brôas
	Cocktails	Pães
	Punches	Pãezinhos
Carnes	Toddys	Bolachas
Caças	Egg-Noggs	Rosquinhas
Avés	Fizzes	Etc. Etc. Etc.

ARTE DE CONFEITAR

Sobre este importante trabalho encontra-se no livro A ARTE DE COSINHAR, além das necessários explicações, diversos desenhos das machinas e ferros para este fim, e suas applicações.

Sobre este util ensinamento que quasi todas as professoras de arte culinaria fazem «grande segredo profissional», D. Maria de Lourdes Costa, descreve em seu livro A ARTE DE COSINHAR, o mais perfeito METHODO DE CONFEITAR, podendo qualquer pessoa em sua casa, fazer doces, biscoitos, etc., saborosos e lindos, iguaes aos das confeitarias de primeira ordem.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL

Volume cartonado 14\$000

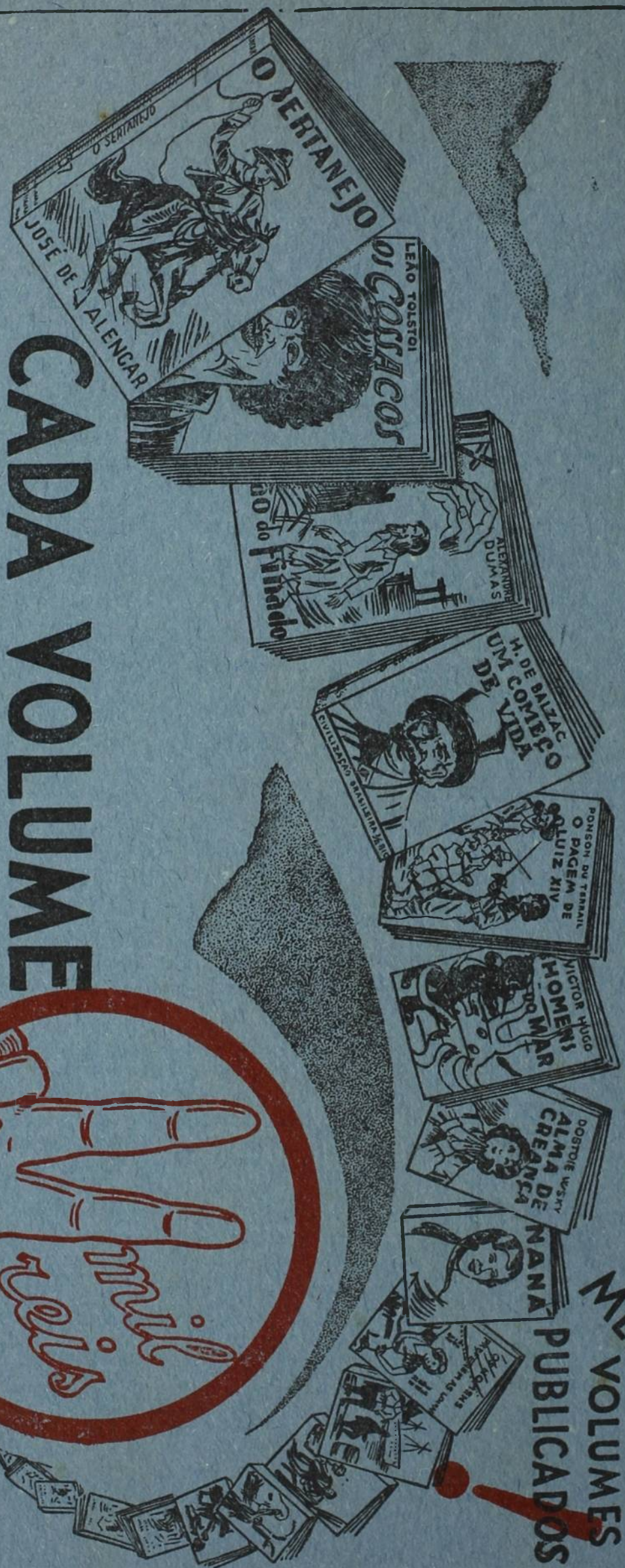
PEDIDOS A'

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S/A

Rua do Ouvidor n.º 94 — Rio de Janeiro

COLEÇÃO "SIF"

MEIO MILHÃO DE VOLUMES PUBLICADOS



CADA VOLUME
EM TODAS AS LIVRARIAS E NA
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO - RUA 7 DE SETEMBRO 162-RIO